



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ZULMA DOS PASSOS FEITOSA RIBEIRO

DEVOÇÃO E SANTIDADE EM SANTA LUZIA DO NORTE - AL

Maceió – Alagoas

2014

ZULMA DOS PASSOS FEITOSA RIBEIRO

DEVOÇÃO E SANTIDADE EM SANTA LUZIA DO NORTE - AL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

Orientação: Prof. Dr. Siloé Soares de Amorim

Maceió – Alagoas

2014

ZULMA DOS PASSOS FEITOSA RIBEIRO

DEVOÇÃO E SANTIDADE EM SANTA LUZIA DO NORTE - AL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de licenciado em
Ciências Sociais pela Universidade
Federal de Alagoas – UFAL.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Ms. Juliana Nicolle Rebelo Barretto

Prof.^a. Dr.^a. Silvia Aguiar Carneiro Martins

Prof. Dr. Siloé Soares de Amorim – UFAL
(Orientador)

Maceió, _____ de junho de 2014.

Dedico este trabalho a Família do Z: Zenon (mainha), Zeonne (irmã), Zara (filha) e ao meu Rei David (esposo) a quem os amo muito. Foram essas pessoas que tornaram esse sonho possível. Pois já dizia o cantor:

“sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, sonha que se sonha junto é realidade” Raul Seixas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço Aquele que nos proporciona tudo. Aquele que é providência, luz e sabedoria, ao meu Bom e Amado Deus, em quem sempre confio e entrego todo o meu ser.

Agradeço a Mainha, que soube encaminhar sua família para a vida, principalmente nos momentos mais difíceis, para nós, pois para ela não existe tempo ruim. Eita mulher guerreira!

Agradeço a minha irmã, mesmo sem saber foi uma grande incentivadora nos meus estudos acadêmicos.

Agradeço a David, meu esposo, uma das pessoas mais importantes para que eu pudesse cursar esta Faculdade, uma vez que, quando entrei na UFAL estava grávida e não sabia e todas as noites durante todo o curso, foi o Paizão que ficou com nossa filha.

Agradeço a minha querida e amada filha, que era tida como a mascote de nossa turma, pois ela frequentava mais a faculdade (na barriga da mamãe) que outros colegas de curso, assim eles mesmos afirmavam. E foi pensando no seu bem que me dediquei ao máximo para ter êxito neste curso.

Agradeço ao meu companheiro Carlos Jorge, de todas as vezes que me incentivava, impulsionava, alegrava, descontraía, explicava com palavras certas na hora exata. E foi o grande incentivador deste trabalho.

Agradeço a todos os professores e colegas de turma que me ensinaram muito, a compreender a complexidade de cada autor estudado.

Agradeço a todos os paroquianos, amigos, conhecidos, padres, entrevistados local e visitantes, pela contribuição para realização deste trabalho, que tem um pedacinho de cada um com sua vivência de fé, de festa em Santa Luzia do Norte/AL.

Agradeço a Professora Silvia Martins, pessoa simples e humana que pensa no próximo e ajuda naquilo que pode sem limitações.

Agradeço ao meu Orientador, Professor Siloé Soares de Amorim, que pegou o barco.

o caminho e me ajudou atravessar para outra margem. Cheio de esperança, sabedoria, incentivo e pé no chão me ajudaram a cumprir mais um ciclo nesta vida.

A religiosidade é certamente a expressão maior de sentimento inconsciente de incompletude humana, pois de algum modo, ela se manifesta para aqueles que creem em uma força superior, seja ela Deus ou um ser não claramente entendido.

Rosa Lydia Teixeira Corrêa

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo expor um estudo à festa de Santa Luzia de Siracusa, padroeira da cidade de Santa Luzia do Norte - AL. Analisando sua importância no fator cultural e religioso. Foram feitas também entrevistas com pessoas de diferentes faixas etárias. No decorrer dos capítulos há uma revisão bibliográfica contendo autores que dissertaram sobre a cultura religiosa, a devoção e a fé cristã. Em seguida uma breve redação sobre fatos históricos da cidade de Santa Luzia e a trajetória de uma vida cheia de devoção e renúncia. Por fim, o trabalho tem uma visão antropológica social numa etnografia apresentando além do texto, imagens como ferramenta de investigação e de análise da antropologia fazendo um aprofundamento sobre a festa católica de Santa Luzia de Siracusa em toda sua essência e organização. As manifestações populares religiosas são vistas através de festas e por rituais religiosos que demonstram a fé dos fiéis e todos os envolvidos buscam um objetivo comum à devoção a Santa Luzia.

Palavras-chave: Cultura religiosa, Antropologia, Imagem.

ABSTRACT

This work aims to study expose a feast of Saint Lucy of Syracuse, patron saint of Santa Luzia do Norte - AL. Analyzing its importance in cultural and religious factor. Interviews with people of different age groups were also made. Throughout the chapters there is a literature review containing authors who lectured on religious culture, devotion and the Christian faith. Then a brief essay on historical facts from Santa Luzia and the trajectory of a life full of devotion and renunciation. Finally, the work has a social anthropological ethnography presenting an addition to the text, images and research and analysis tool of anthropology doing a deepening on the Catholic feast of Saint Lucy of Syracuse in all its essence and organization. The popular religious manifestations are seen through festivals and religious rituals that demonstrate the faith of believers and all those involved pursue a common goal devotion to Santa Luzia.

Keywords: Religious Culture, Anthropology, Image.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Fotos

Foto 1 - Fachada da Igreja Matriz de Santa Luzia – 1979.....	24
Foto 2 - Fachada da Igreja Matriz de Santa Luzia – Atual.....	29
Foto 3 – Primeira Imagem de Santa Luzia	30
Foto 4 – Decoração do mastro	36
Foto 5 – Família Noiteira	37
Foto 6 - Altar central da Igreja de Santa Luzia	38
Foto 7 – Imagem de Santa Luzia do Norte na charola	39
Foto 8 – Fiéis colhendo flores após a procissão	40
Foto 9 - Barraca de Leilão	42
Foto 10 – Barracas que vendem artefatos religiosos	44
Foto 11 – Caminhada da Luz	45
Foto 12 - Barraca de leilão de animais	46
Foto 13 - Lugares que servem de abrigo para os visitantes	47
Foto 14 – Cavalhada para festejar o dia de Santa Luzia de Siracusa	48
Foto 15 – Grupo Musical para animação dos fiéis	49
Foto 16 - Momento de saída de Santa Luzia da Igreja	50
Foto 17 - Retorno dos fiéis a Igreja Matriz	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. DIMENSÃO SIMBÓLICA DA RELIGIOSIDADE.....	13
1.1 Tradição e religiosidade popular.....	13
1.2 Cultura e Ética Religiosas.....	17
2. ORIGEM HISTÓRICA DE SANTA LUZIA DO NORTE.....	24
2.1 O município de Santa Luzia do Norte.....	25
2.2 A trajetória de Santa Luzia de Siracusa.....	30
2.2.1 Santa Luzia, Virgem e Mártir.....	32
3. A FESTA DE SANTA LUZIA DO NORTE.....	35
4. RELATO DOS FIÉIS ENTREVISTADOS.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70
ANEXOS.....	71

INTRODUÇÃO

O trabalho apresenta a cultura religiosa de uma cidade do interior de Alagoas, Santa Luzia do Norte. Nesta cidade é comemorada a Festa da Padroeira, de Santa Luzia festa popular e religiosa, que é marcada pela a tradição da população local realizada no dia 13 de dezembro.

Ora, sabe-se que a referida cidade é histórica e de grande importância para o Estado de Alagoas, devido a sua localização geográfica e onde foi o celeiro da fé para a cristandade católica no início do século XVIII, uma vez que, a Arquidiocese Metropolitana estava situada em Santa Luzia do Norte, onde naquele momento se chamava Santa Maria Madalena.

Conforme moradores antigos da cidade de Santa Luzia há uma lenda que um senhor cego havia alcançado a cura de sua visão depois que fez uma promessa para Santa Luzia, da referida cidade. E com isso começou a existir uma peregrinação de romeiros desde então.

As festas, procissões e romarias são práticas da religião popular, tendo como foco a santa padroeira, no costume local e na tradição religiosa. A festividade é bastante notável no âmbito religioso e profano, é claro que o profano se desenvolve em paralelo a religiosa, mas ambas trazem vários significados.

O trabalho foi de cunho qualitativo que tem um caráter exploratório, pois os entrevistados foram livres para pensarem sobre o tema abordado. As entrevistas foram realizadas no dia da procissão e outras entrevistas foram realizadas após a festa durante os encontros religiosos nas missas, também foram tiradas fotos da festa e dos romeiros, para entender o comportamento desses indivíduos, romeiros, que vem até a cidade de Santa Luzia do Norte e os que aqui residem, para participar dos festejos religiosos e ao mesmo tempo profanos que vão de encontro com padrões católicos.

Teoricamente, e de acordo com Côrrea (2008, p. 103) por ser uma manifestação cultural, a religiosidade, diz respeito à identidade de grupos formadores da sociedade brasileira, objetivada por meio de diferentes formas de expressão. Por isso pode-se também dizer que a religiosidade presente na sociedade brasileira faz com que os sujeitos que a têm como princípio de vida passem a cultivá-la por meio de diferentes modos de criar, fazer e viver.

Este Trabalho de Conclusão de Curso está composto por três capítulos: No primeiro momento de caráter totalmente bibliográfico foram abordados aspectos que envolvem a dimensão simbólica da religiosidade, detalhando sobre a cultura e religiosidade sintetizando que tais aspectos são características mais marcantes do povo brasileiro. Neste sentido a religiosidade se manifesta de múltiplas maneiras, como decorrência, por um lado, das diferentes religiões praticadas na sociedade brasileira e, por outro lado, como parte do modo de ser de muitas pessoas, ainda que não professem uma religião específica.

No segundo capítulo houve uma abordagem sobre os fatos históricos da cidade de Santa Luzia e em seguida a trajetória da vida de Santa Luzia enquanto pessoa comum apresentando toda sua devoção.

Por conseguinte foi apresentado de forma descritiva a festa em sua devoção através de uma Etnografia com suas passagens, personagens e todos os atributos que compõe a festa, comprovando a descrição com fotos e anexos inseridos no texto.

1. DIMENSÃO SIMBÓLICA DA RELIGIOSIDADE

1.1 Tradição e religiosidade popular

De acordo com Alves (2009, p. 19), a noção de tradição pode remeter à imutabilidade, algo estático no tempo, sem mudanças. Ainda de acordo com o autor sem interferências de instituições oficiais, como a Igreja ou o Estado, longe dos dogmas escritos, presos apenas à fluidez da oralidade, as religiosidades populares podem permanecer como antigamente, mudar ou adequar-se.

Na perspectiva da história e da antropologia, a noção de tradição difere da assumida pelo senso comum ao se constatar que as tradições estão em transformação. Os historiadores Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984), utilizaram o termo inversão da tradição para salientar que em alguns momentos essas tradições foram estabelecidas ou impulsionadas para criar coesão ou reforçar um sentimento de identidade em grupos sociais. Como por exemplo, a instituição dos padroeiros nas cidades e nos estados.

Conforme Alves (2009, p. 28), Nossa Senhora Aparecida tornou-se a Padroeira do Brasil em 1930, no mesmo período em que outros elementos africanos, como o samba, foram eleitos símbolos nacionais como forma de promover a unidade, quer dizer ter um símbolo único. Alves (2009) nos diz que a escolha de uma santa negra teve como objetivo atingir, além dos católicos, outros grupos pertencentes a outras religiosidades. Deu certo, pois hoje podemos perceber em todo o Brasil a forte presença de Nossa Senhora Aparecida e as variações do culto à padroeira.

Em oposição ao conceito de inversão da tradição, o antropólogo Sahlins (1997, p. 134 apud Zucon, 2009, p. 113), usa o termo inversão da tradição para destacar que as tradições não são simplesmente inventadas, mas, sim, são sempre reforçadas por meio de uma referência cultural e de afirmação da identidade cultural.

Ainda conforme Zucon (2009, p.115), as religiosidades populares, mesmo que invisibilizadas no contexto urbano e pós-moderno continuam a existir de forma vigorosa qualquer que seja a intenção, implorar, agradecer ou apenas festejar.

Zucon (2009, p. 117), esclarece que é importante destacarmos que os cultos e os ritos das religiosidades populares brasileiras caracterizam-se, de maneira acentuada, por formas diretas de mediação com o sagrado e pelo desejo de interferir na realidade de maneira mágica, com a pretensão de melhorar ou promover a vida terrena de alguma maneira.

No Brasil, de acordo com Zucon (2009) religiosidade e sabedorias populares muitas vezes se confundem, pois são comuns os ritos e os cultos que têm por finalidade a cura do corpo físico. Simpatias, rezas, benzeduras, ervas e unguentos são de uso corrente, fazendo parte do nosso ethos, conforme Geertz (1989, p. 103 apud Zucon, 2009, p. 117). O autor sugere uma definição de religião como reorientadora e estimuladora de uma nova abordagem do assunto. Para Geertz (1989, p. 104-105), religião seria então:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura da fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 1989, p. 104-105)

O parecer do autor coloca a religião como um sistema simbólico responsável por determinado tipo de comportamento social. Nesse sentido, ele admite o quadro de referência que a religião representa e a ordem existencial que ela configura.

No pensamento de base marxista, a religião não vive no céu, mas sim na terra; ela não é o fruto do sobrenatural nem uma enorme mistificação dos sacerdotes. A religião é um reflexo ilusório das contradições sociais e seria mais eficaz eliminar suas raízes sociais subordinando-a a luta de classes. Marx e Engels (1972, p. 46 apud Gil Filho, 2012, p. 41) comentam:

A religião é a teoria geral deste mundo, a sua soma enciclopédica, a sua lógica sob forma popular, son point d'honneur (um ponto de honra) espiritualista, o seu entusiasmo, a sua sanção moral, o seu complemento solene, a sua consolação e justificação universais. É a realização fantástica do ser humano, porque o ser humano não possui verdadeira realidade. Lutar contra a religião é, pois, indiretamente, lutar contra esse mundo, de que a religião é o aroma espiritual.

Para Marx e Engels (1972, p. 85 apud Gil Filho, 2012, p. 42), os homens reais são os produtores de suas representações, de suas ideias. É a vida concreta que determina a consciência e, sob esse aspecto, a moral, a religião e a metafísica não

têm uma autonomia real. Não tendo autonomia, também não têm história e nem desenvolvimento, pois “não é a consciência que determina a vida, e sim a vida que determina a consciência.” Gil Filho (2012, p. 44), confirma as palavras de Marx e Engels quando nos diz que:

A religiosidade popular é exercida e significada pelos próprios atores sociais. Nela, a coletividade se expressa não só nas manifestações que mobilizam milhões, mas também porque os ritos e os cultos podem ser exercidos por pessoas que não são representantes oficiais das Igrejas, em que novos elementos podem ser inseridos e “ressignificados”. (GIL FILHO, 2012, p. 44)

Contudo retornando a Zucon (2009, p. 118), o trânsito religioso talvez seja a característica mais comum das religiosidades populares. De acordo com Hall (2003, p. 74-75 apud Zucon, 2009, 118), uma das características da modernidade tardia, período no qual, para ele, estamos inseridos, é a fragmentação das identidades, ou seja, a possibilidade de podermos exercer diferentes identidades, supostamente antagônicas, ao mesmo tempo. Como exemplo, podemos citar uma pessoa professada católica, que, em momentos de problemas de saúde ou financeiros, podem buscar ajuda em outras religiões, como o espiritismo, que diverge do catolicismo em seus dogmas.

Assim, conforme Zucon (2009, p. 119), o trânsito religioso pode ser apenas uma possibilidade para a fragmentação da identidade, mas inscreve-se no cotidiano de maneira que possamos notar o quanto as religiosidades populares são marcadas por certo afrouxamento de seus limites.

Além da facilidade de transitar entre religiões, é possível observar também uma recorrente religiosidade plural, na qual elementos de religiões diferentes se acumulam. Os altares da umbanda (a qual teve sua gênese no Brasil), em que coabitam santos católicos, entidades afro-brasileiras – como índios e caboclos, ciganos e os povos do Oriente, tornam visíveis essa pluralidade. Há também casos em que a pluralidade religiosa se estabelece num processo de dinâmica cultural, ou seja, em muitas rezas e simpatias populares, por exemplo, usa-se o machado para afastar tempestades, desconhecendo-se ou ignorando-se o fato de que no candomblé, Xangô, deus das tempestades, tem como símbolo o machado de duas lâminas. (ZUCON, 2009, p. 122)

Portanto, de acordo com Zucon (2009), o trânsito e a pluralidade são diferentes do sincretismo religioso, no qual existem versões e são criadas correspondências entre manifestações religiosas distintas. O senso comum acostumou-se a convencionar o trânsito e a pluralidade também como sincretismo.

De acordo com o antropólogo Sergio Figueiredo Ferreti (1995 apud Zucon, 2009), o termo sincretismo no Brasil passou por diferentes interpretações teóricas e usar apenas esse conceito é insuficiente para compreender o todo que a religiosidade brasileira contempla.

Para Zucon (2009, p. 128), o Trânsito, a pluralidade e o sincretismo religiosos, mesmo unidos, não implicam necessariamente boa convivência. A não relativização das ideias de outras religiões significa seguir seus dogmas. Algumas religiões ainda agem em nome dessa premissa.

Na colonização do Brasil, a cristianização dos índios foi uma forma poderosa de dominação. Frequentemente, a catequização era sugerida como uma benfeitoria aos povos que “viviam em pecado” e eram “não civilizados”. Oferecer um Deus, em geral, justificava a colonização e a exploração de riquezas naturais, como uma troca recíproca, segundo os colonizadores, ou seja, em troca da exploração, ofereciam um Deus. (ZUCON, 2009, p. 129)

Contudo segundo Zucon (2009), na religiosidade popular, o sincretismo, a pluralidade e o trânsito adquirem outra conotação. Podemos dizer que, fora dos limites da Igreja, longe dos representantes oficiais, no predomínio do doméstico, a tolerância e a relativização são maiores.

Traçando sobre religiões percebemos os diversos conteúdos que estão inseridos e um deles conforme Abbagnano (1970, p. 45 apud Alves, 2009, p. 174), são as regras e normas que estão inseridas nas organizações religiosas que, pela sua característica de transcendência, obrigam os fiéis a observá-las e cumpri-las, sob o risco de serem excluídos da comunidade por comprometer o equilíbrio organizacional delas e a sua própria salvação.

De acordo com Abbagnano (1970, p. 46 apud Alves, 2009, p. 174), o termo ética é oriundo do radical grego *ethos*, que significa “costume” e “caráter”. A ética é um dos componentes usados pelas tradições religiosas no processo de civilização das pessoas, pois ela aponta caminhos e perspectivas de vida a serem seguidos.

Conforme Alves (2009, p. 175), à medida que a tradição religiosa avança no seu processo de institucionalização, as regras vão passando por um processo de depuração e aperfeiçoamento racional. Ainda de acordo com Alves (2009) os fundamentos da fé (que é a base da ética) são reinterpretados e a comunidade em crescimento vai perdendo o controle direto sobre o comportamento dos seus membros, necessitando reordenar as normas de vida.

Como afirma Usarski (2007, p.87):

As instituições religiosas racionalizadas, devido à sua força e influência na sociedade, tendem a produzir um discurso ético que favoreça o equilíbrio e a estabilidade de todos. A partir de tal argumento, é possível entender a importância das grandes tradições religiosas nas sociedades em que estão inseridas. (Usarski, 2007, p.87)

Conforme Usarski (2007, p. 92) a ética cristã afirma que a ética individual deve ser compreendida a partir de uma ética normativa, apresentada pela tradição. A estrutura da teologia moral católica é determinada pela crença na bondade do homem e do mundo como criação de Deus, mesmo depois do pecado original.

1.2 Cultura e Ética Religiosas

Corrêa (2008, p. 99) nos diz que na antropologia, fala da necessidade de distanciamento e estranhamento para conseguirmos visualizar as nossas próprias nuances. Conforme a autora a cultura é algo que se apreende por meio da família e da sociedade, da reprodução e da repetição. O homem só é um ser social porque vive em sociedade. E viver em sociedade significa conviver com as diferenças sociais e culturais.

Conforme Oliveira et al. (2007, p. 118):

O termo religião indica: uma forma de expressão do fenômeno religioso que ocorre em uma cultura ou culturas compreende-se também o ambiente social como um agente que contribui e interfere na avaliação do mundo e das pessoas na dimensão da expressão religiosa. (OLIVEIRA ET al., 2007, p. 118)

Na análise de Durkheim (1996, p. 19), a religião encontra-se erigida na própria natureza das coisas. Se assim não fosse, logo a realidade faria uma oposição, à qual a religião não resistiria. A natureza da religião indica que ela está muito mais apta a explicar o que de comum e constante existe no mundo do que o que há de extraordinário.

De acordo com o autor a dimensão simbólica da religiosidade certamente encontra nas práticas religiosas vinculadas à religião o seu sentido estruturante e a elas os símbolos dão uma espécie de legitimidade, visto que estão socialmente reconhecidos, por estarem instituídos.

Para Geertz (1989, p. 66-67):

Os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo, o tom, o caráter, e a qualidade de sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas e sua visão de mundo, o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, nas suas ideias mais abrangentes sobre a ordem. Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida. (GEERTZ, 1989, p. 66-67)

Tudo indica que os símbolos religiosos legitimam a ação do exercício da religiosidade. Para Geertz (1989), os símbolos não são meras representações materiais da divindade e/ou o ser superior a ser venerado, mas muito mais do que isso, e, por essa razão, o autor entende símbolos pelo significado, ou seja, pela concepção. Nesse sentido, Geertz (1989) não lida com a noção de representação exterior, mas da interioridade, o conceito que faz com que a prática, nesse caso, exista.

Nesse sentido, as práticas de rituais religiosos, potenciais reveladores da religiosidade, não são em si símbolos da religiosidade, mas o entendimento que as pessoas têm sobre esse exercício. Logo, as manifestações simbólicas podem ser realizadas por meio de práticas religiosas institucionalizadas, demonstrativas da religiosidade de grupos sociais, e variam de acordo com a religião. No catolicismo, a religiosidade pode ser manifestada pela participação do católico nas missas, que se constituem em rituais centrais à manifestação da fé católica, provavelmente pelo estado de graça que tais rituais provocam no indivíduo que dela participa. (CORRÊA, 2008, p. 87)

Contudo, conforme Corrêa (2008), a instituição religiosa referenda um corpo sacerdotal que possui o monopólio das coisas sagradas apoiando-se em princípios de visão relacionados às disposições da crença, as quais, por sua vez, orientam as representações que revigoram esses princípios.

As instituições religiosas tradicionais também agem como empresas, com dimensões. Os sacerdotes, por exemplo, detêm o monopólio dos cargos e dos encargos das instituições religiosas e suas devidas repercussões financeiras.

Nesse sentido, de acordo com Bourdieu (1983, p. 39),

A constituição de um campo religioso “acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por essa razão em leigos [...], destituídos do capital religioso (enquanto trabalho simbólico acumulado)”. Esse processo de desapropriação refere-se especialmente aos grupos sociais que são excluídos e que ocupam uma

posição inferior na estrutura de distribuição dos instrumentos de produção religiosa. (BOURDIEU, 1983, p. 39)

Sobre esse aspecto, Bourdieu (1983) identifica no que tange à divisão do trabalho religioso e, embora essa separação não signifique um esvaziamento do capital simbólico, é reconhecida uma tendência de deterioração do capital simbólico tradicional.

Bourdieu enfatiza que a oposição entre o sagrado e o profano está mais relacionada com a posição dos agentes, no que tange à gestão do sagrado. De um lado temos o corpo sacerdotal detentor do saber religioso e, de outro, os leigos como sendo profanos no sentido de não conhecedores do saber religioso e, portanto, estranhos ao sagrado e aos agentes autorizados gestores do sagrado. (BOURDIEU, 1983, p. 40)

A religiosidade se torna mais visível por parte de grupos sociais de origem socioeconômica menos favorecida por meio das festas dos santos que têm um significado importante na vida cotidiana dessas pessoas. Representações fundamentais do catolicismo popular, os santos diz Jorge (1998, p. 66): “são seres dotados de poderes sobrenaturais e capazes de interferir na vida e na natureza”. O lugar que os santos ocupam na vida daqueles que neles acreditam manifesta-se de modo ambíguo como exemplifica, Jorge (1989, p. 67):

Os santos ficam no céu, mas isso não significa que estejam separados dos homens. É por meio das imagens de que o catolicismo popular tanto gosta que os santos se fazem presentes na terra. A identificação da imagem com o santo no céu é tão forte que o devoto chega a infringir punições às estátuas quando seus pedidos não são atendidos ou quando demoram vê-lo. Santo Antônio o santo padroeiro do casamento bem sabe como sofrem as suas imagens. (JORGE, 1989, p. 67)

É comum encontrar em casas urbanas com menos frequência e em rurais com mais frequência oratórios ou pequenos altares feitos de madeira num canto reservado da casa. Os oratórios segundo Jorge (1989) ainda que de caráter particular doméstico revestem-se também de caráter coletivo porque a família se reúne ao seu redor. Muitas vezes estão presentes amigos e convidados da família para tomar parte da devoção. Sobre os oratórios o mesmo autor ainda diz o seguinte:

No meio popular os oratórios domésticos são normalmente colocados num canto da parede tendo no centro a imagem do santo padroeiro e outros quadros de santos. Já nas sedes das fazendas lugares, portanto mais afastados. O oratório doméstico é muito mais amplo e normalmente possui um andar aonde o padre vem celebrara a missa de vez em quando. (JORGE, 1989, p. 68-69)

Exemplificando o que já fora dito por Jorge em relação aos oratórios, Corrêa (2008, p. 110), nos detalha um pouco mais sobre esta prática nos informando que os santos são venerados como se fosse a Deus. Coroas e fitas coloridas enfeitam as imagens como uma maneira de melhor exteriorizar a fé enquanto que o oratório e o altar são espaços do sagrado do transcendente porque materializam de certo modo a oportunidade de aproximação do “ser menor” com deus. A religiosidade se expressa pela pessoa religiosa ao deitar e ao levantar.

Ainda de acordo com o autor, a festa ao santo padroeiro, por exemplo, é a oportunidade de veneração na qual tempo e espaço são dedicados à devoção e o trabalho cotidiano torna-se secundário. De acordo com Corrêa (2008), outros modos de expressão da religiosidade podem ser percebidos nos grandes rituais católicos como as festas dos padroeiros. Elas arregimentam um grande número de fiéis.

Corrêa (2008) nos traz algumas citações sobre o comportamento religioso de devotos a padroeiras, e nos revela o significado dos símbolos religiosos para essas pessoas. Por exemplo, de acordo com Corrêa (2008) o círio de Nazaré realizado em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré a padroeira dos paraenses é um testemunho interessante da religiosidade e da força que ela contém. Nesse majestoso ritual que se desenvolve sob a forma de procissão milhares de pessoas caminham por vezes sob forte sol e calor pelas ruas de Belém durante mais de quatro horas, uma vez por ano, a cada segundo domingo do mês de outubro. Na procissão do Círio, a corda que circunda a berlinda da imagem da santa é carregada por centenas de pessoas que se amontoam, praticamente sendo levadas umas pelas outras em agradecimento por graças alcançadas.

É a exaustão da expressão de uma reverência por meio da doação do corpo na sua plenitude. Os pés descalços são a simbologia de uma doação e de um sentimento de humildade que só naquele espaço pode ser traduzido. Nesse sentido é que Geertz (1989) fala da ideia de que o símbolo é mais do que a representação contida no objeto:

Ele é a concepção, o significado, a sua razão explicativa. Para ele, “os atos culturais, a construção, apreensão e utilização de formas simbólicas, são acontecimentos sociais como quaisquer outros; são tão públicos como o casamento e tão observáveis como a agricultura”. (GEERTZ, 1989, p. 68).

No Círio de Nazaré, a religiosidade também é manifestada por meio de objetos, outros símbolos que significam a retribuição objetiva a um favor ou graça alcançada, e se traduzem em miniaturas de casas, barcos, partes do corpo em cera, enfim tudo o que se constituía num problema ou que, na vida cotidiana, teve importância e que precisava da ajuda divina para se tornar realidade.

A festa da padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, também é um acontecimento que acarreta grandes peregrinações em torno da Basílica Nacional. A religiosidade se manifesta em imagens que são adquiridas pelos devotos a cada ano, como simbologia de renovação, concomitantemente a outros objetos que simbolizam e, por assim dizer, significam a condição de devoto.

Berger (1985, p. 73) afirma que:

Enquanto permanece dentro dos padrões religiosos socialmente estabelecidos, o indivíduo participa de um ser universal que também consigna lugar aos fenômenos do sofrimento e da morte. Quando o indivíduo está em sintonia com os ritmos das forças cósmicas, seu próprio ser está em harmonia com a ordem fundamental de todo ser, uma ordem que, por definição, inclui e, assim, legitima os ciclos do nascimento, da decadência e da regeneração. Consequentemente, a decadência e a morte do indivíduo são legítimas mediante sua “colocação no âmbito da ordem mais ampla dos ciclos cósmicos”. (BERGER, 1985, p. 73)

A religiosidade pela fé católica no Brasil tem sido dominante desde o Descobrimento do Brasil, mas outras manifestações religiosas institucionalizadas são palco para esse modo de ser do brasileiro. Nas religiões protestantes, por meio dos cultos como espaço simbólico de representação, a religiosidade é demonstrada não pela adesão às exigências ao modo de vestir, como tornar a religião um ethos de vida, mas consubstancia-se em modo de vida que ultrapassa o *modus operandi* cotidiano.

Nesse sentido, para Geertz (1989, p.82):

A perspectiva religiosa difere da perspectiva do senso comum [...] porque se move além das realidades da vida cotidiana em direção a outras mais amplas, que as corrigem e completam, e sua preocupação definidora não é a ação sobre essas realidades mais amplas, mas sua aceitação, a fé nelas. Ela difere da perspectiva científica pelo fato de questionar as realidades da vida cotidiana não a partir de um ceticismo institucionalizado que dissolve o “dado” num aspiral de hipóteses probabilística, mas em termos do que é necessário para torná-las verdades mais amplas, não hipotéticas. Em vez de desligamento, sua palavra de ordem é compromisso, em vez de análise, o encontro. (GEERTZ, 1989, p. 82)

Como esclarece Mendonça (1984, p. 65) outros modos de manifestação da religiosidade são encontrados no catolicismo popular por diferentes meios, quais sejam: promessas, novenas, alianças e consagrações. Com base nesse autor, explica-se em que consiste cada uma delas.

Nas promessas, os fiéis estabelecem uma relação de proximidade com Deus por meio dos santos, seja o santo de devoção ou aquele que eles entendam ser o mais adequado ao tipo de pedido a ser feito. Para os fiéis, o santo está próximo ao trono de Deus e pode influenciá-lo. O rigor no cumprimento das promessas relata Mendonça (1984), permite a inferência de que o fiel vai à exaustão pelo merecimento da graça alcançada:

Daí o rigor com que as promessas são feitas e cumpridas causando até mesmo estranheza, sobretudo as de caráter penitencial; longas e fatigantes caminhadas até o santuário, capela ou oratório, onde se venera o santo; jejum abstinências e outros atos penosos; ofertas de esmolas, com conseqüente privação às vezes até do necessário; construções ou ajudas para construções de Igrejas ou outros locais de culto; práticas de caridade e, especialmente, obras de misericórdia. (MENDONÇA, 1984, p. 67)

No entendimento de Mendonça (1984) as novenas, em grande medida, estão vinculadas às promessas e também traduzem o caráter de devoção e pedido de ajuda ou de agradecimento por uma graça alcançada. As novenas, ainda segundo o mesmo autor, são práticas do catolicismo popular que têm a finalidade de instaurar pedidos materiais e espirituais.

As alianças, embora pouco conhecidas sob essa denominação, são muito praticadas. Elas se dão pela devoção do fiel a um santo, o santo protetor.

As consagrações, por sua vez, são feitas aos santos, mas Mendonça (1984) considera que, no Brasil, são de modo geral feitas a Nossa Senhora: “Quando a criança é consagrada a Nossa Senhora, significa que além da mãe terrena ela tem uma no céu.” (MENDONÇA, 1984, p. 67).

As festas dos santos são outros modos em que o sagrado estabelece conexão estreita com o religioso. A eles são dedicados dias específicos e têm lugar especial não só no calendário comum como no católico. A homenagem ao santo não se faz exclusivamente no dia a ele dedicado, pois às vezes sua festa inicia dez dias antes e culmina no dia dedicado a ele.

Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõe uma classificação das coisas, reais ou ideais, que o homem concebe, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras profano e sagrado traduzem bastante bem. A divisão do mundo em dois domínios que compreendem um, tudo o que é sagrado, outro, tudo o que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso: as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas, são representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações mútuas e com as coisas profanas. (DURKHEIM, 1996, p. 19-20)

Dando continuidade ao texto sobre os diversos tipos de religiosidade presentes atualmente dentre as já citadas, destacamos o candomblé que conforme Mendonça (1984) é uma religiosidade presente na sociedade brasileira, é como a religião dos negros iorubas da Bahia ou qualquer uma das grandes festas dos Deuses africanos.

Conforme Mendonça (1984) essa forma de manifestação religiosa é são realizadas em terreiros que geralmente possuem um amplo salão como um altar ao fundo, no qual podem ser encontradas tanto imagens de santos, como de orixás. Estas, de modo geral, são entremeadas por velas e cuias ou cântaros com oferendas aos Deuses africanos.

Nos quintais dos terreiros, também se espalham oferendas entre árvores e arbustos. Os rituais são compostos por mulheres e homens vestidos de branco. Homens tocam tambores e, em conjunto com as mulheres, em rodas, cantam evocando suas entidades protetoras. Nesse caso, os rituais são feitos também na presença de público que assiste a eles sentado em cadeiras no salão e que depois é atendido pelos pais e mães de santo que foram recebidos por participantes (médiuns), durante o rito de canto e dança.

2. ORIGEM HISTÓRICA DE SANTA LUZIA DO NORTE

Para darmos início a origem da cidade de Santa Luzia do Norte, trazemos como ilustração a seguinte foto que foi datada do ano de 1979 referente à Fachada da Igreja de Santa Luzia do Norte sendo disponibilizada uma cópia pela Cúria Metropolitana de Maceió - Alagoas. Nesta foto observa-se o tempo pela aparência em seu desgaste, uma igreja que não tinham uma preocupação de ser pintada pelo pároco da época, conservando o patrimônio histórico, atualmente permanece a mesma fachada, adaptando apenas a deficientes físicos e ganhou uma arborização, como também uma preocupação com pintura como não fora visto anteriormente.

Foto 1: Fachada da Igreja Matriz de Santa Luzia do Norte - 1979



Fonte: Cúria Metropolitana de Maceió Alagoas - 1979

2.1 O município de Santa Luzia do Norte

Conforme pesquisas bibliográficas realizadas na literatura disponível de Romeiro (2008) e Feitosa (2009) houve a possibilidade de fazer um breve levantamento da história da cidade de Santa Luzia do Norte. Quando se pensa em Santa Luzia do Norte, hoje em dia, vem logo no nosso imaginário a festa religiosa, e este aspecto é o início da cultura de nosso povo.

A cidade de Santa Luzia do Norte, no passado muito remoto foi um dos primeiros e principais focos de povoamento do Estado de Alagoas, como também dependiam daqui, as decisões de caráter religioso de Maceió.

De acordo com o escritor Antonio Romeiro (2008) as terras da atual Santa Luzia do Norte, teve sua ocupação inicial com os índios caetés, que posteriormente foi invadida pelos contrabandistas franceses, que exploravam a extração do pau-brasil e dos colonizadores portugueses, que mais tarde se tornaram senhores de engenho, criadores de gado e assistentes burocráticos do Estado de Portugal.

Os primeiros povoamentos do território alagoano foram: Penedo (1560); Porto Calvo (1590); Alagoas do Norte – Santa Luzia do Norte (1608) e Santa Maria Madalena de Alagoas do Sul – Marechal Deodoro (1611). Segundo nos informa o geógrafo Ivan Fernandes de Lima (1992) os primeiros núcleos de vida urbana foram os povoamentos acima citados, levando a expansão do território alagoano.

De acordo com Romeiro (2008) existem duas versões para o surgimento de Santa Luzia do Norte, alguns historiadores se remetem a um escritor holandês Vernhagem que afirma o surgimento a um cego que alcançou a graça da cura de sua visão, então começou a construção de referido lugar, outros historiadores dizem que tal fato é pura lenda, pois existe uma declaração no Livro do Tombo, no Mosteiro de São Bento, na cidade de Olinda, Estado de Pernambuco, onde o sesmeiro Diogo Vieira doara as terras de povoação de Nossa Senhora da Luz da Vila nova de Santa Luzia a Antônio Martins Ribeiro, que na época era morador no local.

O Instituto Histórico de Pernambuco, em 1948, atendendo solicitação dos beneditinos, D. Pedro Bandeira de Melo e D. Bonifácio Jansen, publicou o Livro do Tombo do multissecular Mosteiro de São Bento de Olinda.

Entre alguns documentos de doação de terras ao Mosteiro, destaca-se uma declaração firmada Por Diogo Vieira a Frei Cipriano, abade do Mosteiro de São Bento de Olinda – Pernambuco, constando que o filho de Miguel Gonçalves Vieira doara em época anterior, por escritura publica, “huma legoa de terra”, “na povoação de Nossa Senhora da Luz da vila nova de Santa Luzia”, em local que não era mais possível confirmar por se acharem muitos moradores acomodados nas ditas terras.

De acordo com a historiadora Lenon Passos Feitosa (2009) a cidade de Santa Luzia era uma povoação promissora que já contava com três engenhos de açúcar, com uma população crescida, e destemida tornando-se um reduto inexpugnável para os invasores.

Ainda conforme as informações históricas da autora, por volta do ano de 1633, ali vivia a heroína, D. Maria de Souza, com sua filha e seus quatro filhos: Gonçalo, Luiz, Antônio e Estevam, mais o seu genro Antônio Lopes Figueiras, que comandou a defesa do povoado contra os holandeses; os quais já haviam tomado o Porto do Francês, saqueado e destruído a matriz de Alagoas do Sul (Marechal Deodoro).

Conforme Feitosa (2009) cada casa foi transformada em fortaleza, onde se abrigavam os habitantes dispostos à morte em defesa do seu povoado. O invasor foi surpreendido e após luta intensa e mortífera acabou recuando e desistindo de seu intento. Entre os mortos estava o bravo Antônio Lopes Filgueiras – o comandante da resistência.

O local ficaria também conhecido como “Santa Luzia de Siracusa” e, em certa época como “Outeiro de São Bento” e recentemente como Santa Luzia do Norte.

A autora ainda nos informa em seu livro, a origem da história de Santa Luzia do Norte (2009), que posteriormente, em 1636, foi de Santa Luzia do Norte que as tropas portuguesas prepararam sua artilharia e bagagens para invadir e expulsar os holandeses de Porto Calvo era o início da operação, só terminando nove anos depois.

Segundo nos informa o geógrafo Ivan Fernandes de Lima (1992) o domínio holandês que durou décadas retardou sobremaneira o desenvolvimento do vasto interior alagoano e, ao findar esse domínio, apenas contava-se três núcleos de população considerável e que foram fundamentais na formação do Estado de Alagoas, são eles: Na região norte: Porto Calvo; Na região centro: Lagoa do Norte (Santa Luzia do Norte) e Lagoa do Sul (Marechal Deodoro); Na região sul: Penedo.

O povoado de Santa Luzia, em pouco tempo, era o mais importante, localizado as margens da lagoa e, através do Decreto de 10/12/1830, elevou-se a categoria de vila. Todavia o município judiciário só foi criado em 18/01/1900 pela lei nº 282, ficando assim, até 1915 quando sua sede administrativa foi transferida para Rio Largo. Tudo em decorrência da construção da estrada de ferro, que teve sua implantação dentro daquele município, provocando um colapso no comércio de Santa Luzia e, conseqüente emigração de quase todos os negócios para a sede administrativa, em Rio Largo. Fato este responsável para que Santa Luzia voltasse à categoria de distrito.

Quase meio século depois a heroica outrora vila consegue sua emancipação, através da lei 2.464 de 23/08/1962.

Com base nos livros de Romeiro (2008) e Feitosa (2009) é possível analisar toda a história de Santa Luzia do Norte que mostra que é a 4º (quarta) cidade mais antiga do Estado de Alagoas, possui a igreja matriz de Santa Luzia do Norte, estilo colonial e a sua construção é do ano de 1786, seus primeiros registros datam de 1633. Um acontecimento marcante para todos os alagoanos foi à visita do Imperador D. Pedro II ao Estado de Alagoas.

Os preparativos para a recepção a Vossa Majestade e a sua esposa, a Imperatriz Dona Tereza Christina, transformaram sem dúvida os hábitos da população da capital e alguns centros tidos como importantes – social, política e economicamente. Santa Luzia do Norte se fez representar as “homenagens prestadas ao casal de monarcas”, enviando a Maceió componente da guarda Nacional, que no dia 31 de dezembro de 1859, juntamente com os Batalhões de São Miguel dos Campos, Marechal Deodoro e Atalaia, formaram no Paço Imperial.

O Imperador deslocou-se de Maceió a bordo do Vapor Pirajá, seguindo a Lagoa Mundaú. Por volta das treze horas e quinze minutos do dia 9 de janeiro de 1860, D. Pedro II, pisou no solo de Santa Luzia do Norte.

O Imperador foi saudado pelo Presidente da Câmara, Bacharel Lúcio Soares de Albuquerque Eustáquio. Visitou a Câmara, Casa do Júri, cadeias e outras repartições.

D. Pedro II anotou que a Vila tinha 400 casas e que “há tradição de ter existido no cimo de um monte um convento de São Bento, perto da rua do mesmo nome”. O Imperador ainda visitou o engenho do Comendador Oiticica, supondo ser o dito engenho do Mundaú.

Como era de costume, o Imperador anotava aquilo que lhe chamasse a atenção. Da visita as terras do Comendador Oiticica, fez a seguinte anotação: “Na fazenda Marau, a légua da Vila do Norte, pertencente à Oiticica, avista-se do alto”. Talvez na pressa da anotação D. Pedro II quis se referir à fazenda ou engenho Mundaú.

A visita de D. Pedro II tinha por objetivo beneficiar Maceió, a Vila do Norte, as povoações de Coqueiro Seco e Fernão Velho, determinando ao Presidente da Província, Manoel Pinto de Souza Dantas, a fundação de uma companhia de navegação. Sem recursos financeiros suficientes, o projeto não teve êxito.

O sentimento religioso da população da Vila do Norte era o catolicismo, pois se encontravam diversos religiosos de várias ordens, entre eles tinham os carmelitas, franciscanos, agostinianos, terézios e os beneditinos.

Como freguesia (paróquia), Maceió permaneceu eclesiasticamente ligada a Santa Luzia do Norte, por mais de um século, dependendo das decisões do vigário local.

No dia 4 de março de 1672, foi feito um acordo para a construção da atual igreja. Tal acordo foi firmado entre os moradores de Santa Luzia do Norte e a Câmara da Vila de Alagoas do Sul (Marechal Deodoro), as quais estavam jurisdicionados, consistia na obtenção de subsídios que seria cobrado durante três anos, dos moradores que pudessem comprovadamente contribuir, uma taxa sobre barris e pipas de vinho, aguardente e azeite.

Os religiosos vinham de Olinda, Recife, Bahia e até mesmo do reino para dá os ensinamentos de Cristo, aliviando o sofrimento dos enfermos e participando ativamente do desenvolvimento comunitário. Os vigários além de suas atribuições religiosas ainda prestavam detalhadas informações dignas de um Instituto Estatístico¹.

Além da Igreja Matriz, que data 1786, os católicos de Santa Luzia do Norte, ergueram uma igreja a Nossa Senhora do Rosário, infelizmente demolida a mais de trinta anos. No local de referida igreja, construíram a Gruta Virgem dos Pobres.

Atualmente a Igreja de Santa Luzia conforme nos mostra a (foto nº 02) tem uma aparência mais agradável, pois a comunidade religiosa que faz parte do grupo

¹ Estes resumos estatísticos foram colhidos das cadernetas de desobriga da freguesia do Norte, documentos estes atualmente pertencentes ao Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, maços números 20, 21 e 22.

responsável pela arrecadação da igreja através das ofertas tem um cuidado de manter a pintura adequada e conservar a fachada histórica, mas passou por algumas melhorias.

FOTO 2 – Igreja de Santa Luzia nos dias atuais



Fonte: Acervo fotográfico da autora

2.2 A trajetória de Santa Luzia de Siracusa

Esta imagem foi advinda da cidade de Siracusa da Itália não há documentos que comprovem a data e a localidade desta imagem e nem consta na própria imagem dados que remetam a estas informações, apenas uma tradição oral.

Foto 3: Primeira imagem de Santa Luzia de Siracusa



Fonte: Acervo fotográfico da autora

Em seu livro “Santa Luzia – Protetora da Visão” Frei Contardo Migliorazanga (2011) aborda sobre a vida de Santa Luzia de Siracusa e nos diz em seus relatos históricos que Siracusa foi fundada em 735 antes de Cristo por colonos gregos, e é uma das principais cidades da Sicília. Por se tratar de uma cidade marítima tornou-se rica e populosa. Durante o poderio grego, surgiu o grande gênio Arquimedes, físico e matemático. Depois passou a ser dominada pelos romanos.

O apóstolo São Pedro é o fundador da Igreja de Siracusa. Tendo enviado o seu discípulo São Marcião para presidi-la. Eis a inscrição que existe na Catedral: “Igreja de Siracusa, filha primeira de São Pedro”. O apóstolo São Paulo também passou por Siracusa, permanecendo naquele lugar por três dias.

Ainda de acordo com os relatos de Migliorazanga (2011) as catacumbas de Siracusa eram muito famosas, inclusive a de Santa Luzia. Neste lugar de sepultamento os primeiros cristãos se encontravam para realizar seu culto a Deus, durante o período da perseguição romana.

A maioria dos historiadores reconhece que os cristãos, das várias perseguições sofridas, a mais violenta pelo tipo de torturas, pela duração e extensão e pelo grande número de vítimas, foi a de Diocleciano. Como pagão convicto e intransigente, julgou o cristianismo como elemento de desagregação, levado por seu intuito e pelo incentivo de seus assessores, desencadeou a última e mais grave perseguição da época contra os cristãos. Publicou quatro decretos contra os cristãos: a destruição das igrejas; queimar todos os livros santos, perder o direito de cidadão, oferecer sacrifícios aos deuses pagãos sob pena de morte.

Segundo o Frei (2011) os cristãos passaram por todo tipo de pena e tortura: emboscadas, prisões, flagelação, decapitação, crucifixo, empalação, tronco, fogueira, imersão em caldeiras ferventes, afogamento, entrega a animais ferozes, trabalhos forçados, entre outros. A perseguição foi tão grande, causando tantos estragos e vítimas que muitos autores a chamam de “era dos mártires”.

A falta de dados sobre os mártires e os santos é muito grande devido a duas razões: depende da mentalidade do próprio hagiógrafo (autor dos relatos pelos quais conhecemos a vida dos santos) e por causa do confisco e destruição dos livros e arquivos da Igreja. Os escritores tinham como ponto principal na vida do mártir, o seu martírio, os demais dados não eram levados em conta, com sua história pessoal, sua trajetória religiosa, suas características psíquicas, sua família, sua educação e outros pontos a serem analisados.

Os responsáveis pela Igreja católica sempre procuraram conservar as atas autênticas do martírio, ou seja, a exata transcrição do processo judicial lavrado pelo Tabelião. As atas eram lidas por ocasião do aniversário do martírio que os cristãos chamavam dia natalício do mártir, ou seja, dia de seu nascimento para a vida eterna junto a Deus.

São poucas as atas que existem na Igreja católica, ao considerarmos os efeitos do tempo e o desleixo dos homens e mulheres como: incêndios, terremotos, saques, inundações, guerras, empréstimo sem devolução e esquecimentos. Assim acontecem, com as atas do martírio de Santa Luzia.

2.2.1 Santa Luzia, Virgem e Mártir.

Migliorazanga (2011) nos diz que Santa Luzia possuía duas coroas: a da virgindade e a do martírio. A jovem Luzia queria imitar a Virgem Maria e entregou sua vida em sacrifício a Deus, pois segundo o autor “o martírio é a maior prova de amor a Deus”. Existem duas versões para o martírio de Luzia: uma versão latina e uma versão grega. A primeira, foi modificada e ampliada, queriam torná-la uma leitura edificante. A segunda é mais próxima da realidade.

Mas a maioria dos estudiosos prefere a versão grega do século VI. É conhecido como Códice de Papadópolo, sacerdote grego-siciliano de Agrigento que tinha em sua biblioteca. Esta versão parecerá um pouco estranha para os leitores, é como se um artista tivesse dados exatos dos conceitos, elegância e espontaneidade nos diálogos que dificilmente ocorreria durante uma tortura.

Ainda conforme o autor (2011) Luzia nasceu em 280 ou 281 de nossa era, em Siracusa. Era de família nobre e rica em bens imóveis. Sua mãe se chamava Eutíquia e de seu pai não se sabe nada, provavelmente seu nome era Lúcio, porque naqueles dias era de costume impor o nome do pai na criança, tendo falecido quando Luzia era adolescente.

Luzia havia se consagrado a Deus no mais profundo segredo que nem mesmo sua mãe sabia. Esta por sua vez queria um bom casamento para sua filha. Sofria de graves hemorragias, já havia procurado diversos médicos, gasto muito dinheiro sem nenhuma esperança de melhora. O que lhe restava era tão somente a fé em Deus para alcançar um milagre.

No dia 05 de fevereiro de 301, saiu Luzia e sua mãe, Eutíquia, da cidade de Siracusa e foram para Catania, cidade da Sicília, onde se encontra o túmulo de Santa Águeda, uma jovem mártir da qual Luzia era devota. Durante a celebração eucarística, o diácono leu a passagem bíblica que relata a cura da mulher hemorroíssa, narrada pelo evangelista Mateus. Então se encheram de esperança os corações de mãe e filha. Após a missa todos foram embora, ficando Luzia e Eutíquia

rezando por mais tempo no túmulo de Santa Águeda. Depois de período longo de oração, Luzia teve um sonho com Santa Águeda, no qual revelava a cura da mãe e afirmava ainda que Deus estava muito feliz pelo seu voto de virgindade. Ao acordar, conta à visão que teve para sua mãe e esta lhe afirma a cura. Aproveitando da ocasião Luzia revela seu segredo de total consagração ao Senhor, de viver na pobreza e praticar a caridade. Pediu a sua mãe que vendesse todos os bens que possuíam e doasse o dinheiro aos pobres necessitados.

De acordo com Migliorazanga (2011), voltando para a cidade de Siracusa, Eutíquia, mãe de Luzia, satisfaz o seu pedido: vendeu todos os bens que possuía e o dinheiro foi repartido entre os pobres, as viúvas, os órfãos, os peregrinos e entre todos os servos de Deus, os cristãos que são perseguidos pela sua fé. Com esse gesto toda a cidade ficou espantada, então todos os pagãos tiveram a certeza de que mãe e filha eram cristãs.

Ao saber de tal atitude, o pretendente de Luzia ficou furioso, uma vez que cobiçava o dote nupcial e passou a suspeitar que a jovem prometida em casamento fosse cristã. Enfurecido denunciou a jovem Luzia a Pascácio, prefeito da cidade. Pascácio ordenou que Luzia fosse presa imediatamente e oferecesse sacrifícios aos deuses pagãos, conforme estava escrito no decreto do governador.

Luzia, porém, se nega a fazer sacrifício. Pascácio tenta de todas as maneiras intimidá-la, mas não tem êxito. Ameaça torturá-la, tenta humilhá-la levando-a para um prostíbulo, mas apesar de um número muito grande de soldados, não conseguem tirá-la do lugar. Parecia que Luzia tinha criado profundas raízes. Com isso, Pascácio julgou ser bruxaria. Convocou imediatamente seus sacerdotes e magos para solucionar o problema. Estes o aconselham a fazer uma aspensão para desfazer o feitiço. Mas de nada adiantou, a aspensão não conseguiu exorcizá-la. Usaram desta vez animais, amarraram as mãos e os pés da jovem com cordas, e colocaram uma junta de bois para puxá-la; quando começaram a puxar, Luzia estava firme como uma montanha.

Pascácio foi tomado pela ira e com sentimento de humilhação, mandou fazer uma fogueira ao redor da virgem, colocando resina, piche, azeite e lenha para queimá-la, no entanto as labaredas de fogo não a consumiam. Ao ver isto, Pascácio ficou encolerizado e ordenou que um soldado a decapitasse, e assim foi feito. Era 13 de dezembro de 304.

A tradição da igreja conta que antes de morrer, Luzia profetizou o castigo de Pascácio e o fim da perseguição de Diocleciano (que governava como Augusto) o qual não voltaria mais a reinar, e a morte de Maximino (que governava como Cesar).

É interessante que encontramos muitas imagens e estampas de Santa Luzia representada com os olhos em um prato, isso se deve a uma lenda elaborada no final da Idade Média e não foi por razão de seu martírio, mas sim para lembrar que a conquista do reino de Deus exige severo desapego. Vejamos o que nos conta tal lenda: Conta-se que Pascácio, Prefeito de Siracusa, compartilhou da desilusão amorosa do noivo de Luzia, durante o interrogatório perguntou a santa o motivo de sua renúncia ao matrimônio e do desprezo às suas riquezas. Luzia declarou-lhe que era o desejo de imitar a Jesus Cristo e segui-lo mais de perto.

Prefeito para tocar-lhe o coração, a fez considerar o grande amor e a profunda admiração que o noivo tinha por ela. Luzia sentiu-se lisonjeada, mas não caiu na armadilha; e ainda lhe perguntou inesperadamente: “Mas o que vê em mim de bonito esse homem!” Pascácio lhe respondeu: “Esse homem ficou encantado com a luz e o brilho de seus olhos”.

Ao ouvir isso, Luzia arrancou com as próprias mãos, sem demonstrar o menor sinal de dor, seus belíssimos olhos, após ter os colocados num prato, disse ao juiz: “Vai e leva-os para aquele que os admira”. Trata-se realmente de uma lenda edificante e que inspirou muitos artistas.

Luzia era representada por vários símbolos: a palma representa a vitória pelo martírio; a espada, instrumento do martírio; e a lamparina, representação da fé a qual nos ensina na parábola do Evangelho das virgens loucas e das virgens prudentes.

3. A FESTA DE SANTA LUZIA DO NORTE

Neste capítulo há uma abordagem de cunho etnográfico que remete a festa de Santa Luzia do Norte. Em homenagem a Santa Luzia que morreu no dia 13 de dezembro do ano de 304 na cidade de Siracusa e foi eleita Padroeira da cidade onde construíram um templo em seu nome, pois, todo aquele que dá sua vida por causa de Jesus Cristo, ou que sofre castigos e morte por não renegar a fé em Cristo, é considerado mártir pela Igreja.

Portanto, todas as cidades do Brasil que têm Santa Luzia como sua Padroeira realiza em todos os anos nesta mesma data a festa religiosa da padroeira no mês de dezembro, do dia 03 de dezembro ao dia 13 de dezembro. Em Alagoas conforme pesquisas realizadas a única cidade que trás como referência Santa Luzia, é Santa Luzia do Norte.

Contudo, Como tradição, todos os anos, desde 2009, no dia 03 de dezembro, toda a comunidade é convidada pelo pároco para ir até a Fazenda São Luís, conhecida como Fazenda Babau, no bairro do Quilombo, no município de Santa Luzia do Norte, para juntos derrubar uma árvore grande, medindo em torno de 6 a 8 metros de altura, para confeccionar o mastro².

Este símbolo religioso conforme mostra (foto 4) é todo decorado com fitas coloridas, levada por cada paroquiano e fixado na Praça Dr. José Lobo Ferreira, centro, conhecida como Praça da Igreja, pois a igreja fica de frente para a mesma. Durante todo o percurso da Fazenda Babau até a praça os fiéis cantam louvores a Deus e à Santa Luzia.

De acordo com a (foto 1, pg. 24) datada de 1979 observa-se que este símbolo religioso (mastro) já é uma prática de anos anteriores desde o surgimento desta festa religiosa em Santa Luzia do Norte. Na primeira foto percebe-se que o mastro não era enfeitado como dias atuais e sim apenas pintado de apenas uma cor e deixando sua aparência normal.

² Manifestação folclórica pagã-religiosa em que a comunidade, um dia antes do início da festa do padroeiro, sai em procissão para cortar um tronco de árvore, enfeita-o depois com grinaldas de flores e o coloca enfrente a instituição religiosa.

FOTO 4: Decoração do mastro



Fonte: Daniel Fidelis - 2009

No dia 04 de dezembro começa então o novenário à Santa Luzia, em que todas as noites acontecem à celebração eucarística, tendo a cada dia uma Família Noiteira e os seus respectivos animadores. São convidadas famílias de um poder aquisitivo maior do município de Santa Luzia do Norte para ser Noiteira e os animadores são os próprios grupos existentes da Igreja, sendo: Catequistas, Pescadores, Padrinhos, Jovens, Romeiros e Motoristas, Homens do terço, Apostolado e MEJ e Vicentinos, Legião de Maria e Comerciantes.

Ao amanhecer, às 06h00min horas, a Família Noiteira é responsável pelos fogos em honra a Santa Luzia, bem como às 12h00min horas da tarde, às 18h00min horas, durante a missa, no momento da consagração do corpo e do sangue de Jesus Cristo. Quando a missa chega ao fim, o padre vai até o altar para incensar a imagem de Santa Luzia cantando o seu hino.

Conforme, (foto 5 - abaixo) o noiteiro vestido de paletó na época era vereador e professor responsável pela organização do dia e ao lado os animadores da festa cantam durante toda a missa, conforme a programação.

Terminada a missa, a imagem de Santa Luzia é levada para a casa do próximo Noiteiro e assim acontece em todas as noites durante todo o novenário até a noite do dia 11 de dezembro.

FOTO 5: Família noiteira e animadores



Fonte: Daniel Fidelis - 2009

No dia que antecede a festa da padroeira, dia 12 de dezembro, a Família Noiteira é substituída por padrinhos e madrinhas da festa. O padre faz o convite a toda comunidade e quem aceita tal convite deve contribuir com uma quantia em dinheiro. Antecedendo o dia 12 de dezembro os padrinhos e madrinhas, recebem uma blusa dada pela paróquia para serem identificados no momento da missa como padrinhos e madrinhas, segundo a tradição. Na noite do dia 12 de dezembro, na hora da oferta, as pessoas se reúnem formando uma fila para entregar sua oferta no altar do Senhor. Neste momento percebe-se a satisfação, a alegria, o orgulho de alguns paroquianos em patrocinar esta noite.

Quando começa o novenário, começa também a intensa decoração da Igreja Matriz. A Igreja é decorada conforme (foto 6) com arranjos florais, onde cada dia é doado por uma pessoa ou uma família. Os arranjos ficam no máximo três dias.

Após este tempo deverá ser trocado por outro, lembrando que este é um novenário, então é trocado três vezes neste período, pois no dia 13 de dezembro é feita uma decoração só para este dia, que sempre é mais bela e suntuosa de todas

as decorações realizadas. A charola³ de Santa Luzia é feita também por meio da doação de uma pessoa ou uma família.

FOTO 6: Altar central da Igreja de Santa Luzia



Fonte: Acervo fotográfico da autora

Para a decoração da charola de Santa Luzia de acordo com a (foto 7) são contratadas pessoas de outros lugares juntamente com pessoas da própria localidade. Em outros tempos mantinha-se em segredo sobre o tipo de decoração que enfeitaria a charola para criar certa expectativa nos fiéis, ou para fazer um comparativo com anos anteriores.

Há cerca de 5 (cinco) anos o trabalho de decoração é realizado em uma tenda armada ao lado da Igreja, onde os decoradores fazem sua criação ao ar livre e

³ Charola - s.f. Andor de procissão. Nicho. Corredor semicircular entre o corpo da igreja e o altar-mor.

muitos curiosos ficam perto para fazer perguntadas relacionadas a santa e conforme a tradição recolher flores que para muitos também é um símbolo sagrado e que pode trazer algum benefício para sua vida.

FOTO 7: Imagem de Santa Luzia do Norte na charola



Fonte: Acervo fotográfico da autora

Em tempos atrás, ao fim da procissão, quando a imagem de Santa Luzia retornava para a Igreja, vários fiéis tentavam pegar parte da decoração da charola como por exemplo: uma flor, um ramo ou um galho da planta que faziam parte da ornamentação, porém, muitas das pessoas que estavam trabalhando na festa, os organizadores, os paroquianos, não permitiam que as pessoas desfizessem a decoração. Vendo toda essa dinâmica entre fiel e a Santa, o padre decidiu que ao

final da procissão todo e qualquer paroquiano, visitante, romeiro poderia levar alguma lembrança que pudesse fazer parte da decoração da charola de Santa Luiza.

Atualmente, quando a imagem de Santa Luzia retorna para a Igreja, uma ou mais pessoas da própria comunidade começam a distribuir essas flores e os fiéis levam para suas casas não somente flores, mas flores de Santa Luzia, acreditando que servem para fazer um chá (bebida) para curar alguma enfermidade do próprio fiel ou de alguém que ficou em casa.

Em relação à (foto 8) já é tradição quando a imagem de Santa Luzia chega à Igreja depois da procissão, os paroquianos que estão fazendo parte do apoio da festa, jogam das janelas da igreja flores na imagem, e os fiéis recolhem essas flores conforme (foto 8) e as levam para casa com o mesmo intuito, de que estas irão ajudar de algum modo nas suas necessidades, sejam elas no âmbito físico ou espiritual.

FOTO 8: Fiéis colhendo flores após a procissão



Fonte: Acervo fotográfico da autora

Durante o novenário em honra à Santa Luzia, em todas as noites, há a missa na Igreja Matriz. Estas missas são celebradas com grande alegria, entusiasmo, organização, beleza e contentamento dos participantes e que fazem acontecer às festividades.

Para melhor receber os fiéis, os visitantes, o pároco pede ajuda na compra da tinta para pintar a Igreja, por ser uma Igreja “grande”, na maioria das vezes consegue apenas doação e mão-de-obra para pintar o lado externo, onde é mais desgastado pela ação do tempo; a parte interna fica para o ano seguinte.

São trocadas todas as toalhas que ficam nos altares, por outras mais novas; todos os castiçais são limpos, assim como os cálices, a galheta, entre outros objetos usados na realização da missa. Durante esse período festivo são utilizados objetos mais novos e mais bonitos. A Igreja toda é lavada, os bancos recebem uma camada de óleo de peroba, lâmpadas queimadas são trocadas, todos os ventiladores são limpos, conserta-se o aparelho de som, o microfone, enfim, conserta tudo que precisa, arruma a casa de Deus da melhor maneira possível, para que os fiéis possam se sentir bem, em um ambiente limpo, bonito e arrumado.

Todos esses trabalhos são realizados pelos próprios paroquianos que desejam contribuir para a realização da festa, uma vez que não podendo patrocinar a festa com dinheiro, pode-se ajudar de diversas maneiras, seja na oração, no serviço pesado, nas vendas, no pedir, na arrumação, trabalho não falta. Depois de todos estes preparativos, a casa de Deus está arrumada.

Próximo à Igreja instala-se a barraca do leilão conforme (foto nº 9), lugar este que recebe todas as noites as ofertas da comunidade a Santa Luzia. As ofertas são variadas como: comidas típicas da lagoa (prato de camarão, de siri, de sururu, de peixe, de maçunim, de caranguejo uçá); comidas do cotidiano (prato de carne de boi, carne de porco, de linguiça, de galinha, etc.); frutas (banana, melancia, abacaxi, uva, maçã, pêra, jaca, manga, etc.); doces (bolos, tortas, pudins, prato de brigadeiro, caixa de bombom, etc.); salgados (prato de salgadinhos, torta salgada, bolo salgado, etc.); animais vivos (galinha, pato, pintinho); diversos (panetone, jarro decorativo, flores artificiais, brinquedos, quadros, jogo de copos, jarra para suco, toalha de banho e rosto, panos de prato); pão (as padarias do município de Santa Luzia sempre mandam aqueles pães enormes com formato de bichos, de tranças, formas bonitas para agradar a quem vai até o leilão para arrematar alguma coisa).

FOTO 9 – Barraca de Leilão



Fonte: Daniel Fidelis - 2009

Na rua em que se localiza a Igreja Matriz de Santa Luzia, é a mesma que recepciona o famoso “parquinho da festa”. A chegada prevista para o parquinho é sempre alguns dias antes da festa, que faz parte das animações organizadas para a comunidade. O parque realmente atrai muitas famílias, pois, é sinônimo de diversão. E as crianças que são em sua maioria as gratificadas por essa diversão se encantam com todos aqueles brinquedos grandes, coloridos, com imagens de desenhos conhecidos da televisão, do DVD, só querem brincar e se divertir.

O parquinho começa a funcionar na mesma hora em que começa a missa, às 19h00min horas. Alguns pais que tem crianças mais novas preferem este horário para colocar seus filhos para brincar nos brinquedos, uma vez que tem pouca gente a chance de passar mais tempo brincando é maior e de se machucar com outras crianças maiores em brinquedos de muito contato físico também.

Devido à ausência de festividades constantes na cidade é neste período de festa que os adolescentes e os jovens aproveitam para se produzirem de tal maneira que é impossível ser indiferente à sua presença marcante, seja na maquiagem, na roupa, no sapato, no cabelo, nos acessórios, no comportamento, não importa, eles se fazem notar.

A rua, além de recepcionar o parquinho é tomada pelos ambulantes. No início do novenário a maioria dos ambulantes e das barraquinhas é da própria cidade de Santa Luzia do Norte. São pessoas simples, na maioria dos casos são donas de casa, empregadas domésticas, faxineiras, varredores de rua, serviços gerais, vigilantes, estudantes, aposentados, autônomos, desempregados, pessoas que já possuem um pequeno comércio e tentam aumentar a renda familiar durante o período festivo.

O principal produto a ser vendido é a comida; são vendidos vários tipos de bolos, tortas, batata frita, churrasquinho de carne de boi, de galinha, de calabresa, pé-de-moleque, tapioca, beiju, sanduíches, diversos tipos de doces e salgados. Quanto à bebida, é mais comum serem vendidos refrigerantes e água mineral, contudo, também existem as barracas que vendem bebidas alcoólicas.

Por residir na cidade onde ocorre a festa, é “mais fácil” conseguir um local na Rua da Igreja, pois cada centímetro quadrado é disputadíssimo. Os organizadores da festa demarcam o território da maioria dos vendedores ambulantes pintando de tinta a cal as ruas, calçadas, praças, pois existe muita “confusão” por causa do espaço, onde todos querem o melhor local, que se encontra próximo à Igreja.

Aproximadamente cinco dias antes para o dia 13 de Dezembro, dia de Santa Luzia, começam a chegar os vendedores ambulantes de outras cidades, bem como de outros Estados. Como em Santa Luzia do Norte não existem hotéis nem pousadas, os ambulantes arrumam suas barraquinhas, ou banquinhas e dormem dentro, ou ao lado das mesmas. Eles as cobrem com lonas, plásticos ou lençóis, fechando toda a instalação e ficando lá a noite toda. Quando amanhece o dia, cada um deles dá início aos seus afazeres.

Estes vendedores trazem consigo outros vários tipos de mercadorias em trailer onde vendem almoços, bem como existem aqueles que vendem sanduíches mais refinados; como também: vasos de flores, de chapéus, bonés, cintos, chaveiros, brinquedos, bijuterias, relógios, copos de alumínio, panelas, de roupas, sapatos, de utensílios para o lar, jogo de cama, toalhas de banho, tatuadores, sorveteiros, churros, maçã-do-amor, uva com cobertura de chocolate, melancia, abacaxi, laranja, pipoca, artesanato. Existem também as banquinhas com jogos de roleta, dos copos para adivinhar, tiro ao alvo, se vende de quase tudo nesta festa.

Conforme, (foto 10) há barraca também de artefatos religiosos referentes à Santa Luzia pode-se observar: santos de gesso e gráficos, terços de vários tipos, colares, santinhos, quadros de santos, CD's, DVD's, entre outros.

FOTO 10: Barracas que vendem artefatos religiosos



Fonte: Acervo fotográfico da autora

No dia 13 de Dezembro, dia do martírio de Santa Luzia de Siracusa. Logo cedo, às 04h00min horas da manhã, é realizada a Caminhada da Luz de acordo com a (foto 11), na qual toda a comunidade é convidada a participar. Na foto observam-se pessoas levando uma vela para acender durante a caminhada em honra à Santa Luzia, percorrendo as principais ruas da cidade. A saída desta caminhada é determinada pelo pároco, quando este indica a casa de algum paroquiano para dar início ao percurso do trajeto.

Logo em seguida, às 05h00min horas da manhã, é realizada a Missa da Luz, esta recebe este nome devido ao significado do nome Luzia – que significa Luz – luz que ilumina as trevas. Terminada a missa, às 06h00min horas começa a alvorada festiva com a queima de fogos de artifício.

FOTO 11 – Caminhada da luz



Fonte: Daniel Fidelis - 2009

Este dia é muito intenso, movimentado, alegre, festivo. E em várias cidades as pessoas se organizam de várias formas para participar dos festejos em honra à Santa Luzia, os romeiros, os fiéis, os visitantes, geralmente se juntam e alugam um transporte como ônibus, micro-ônibus, besta ou vans, e vão, durante o caminho cantando hinos e louvores a Deus. Chegando à cidade de Santa Luzia do Norte, vão em direção à Igreja Matriz para cumprimentar a anfitriã da festa – Santa Luzia. Alguns visitantes rezam por um bom tempo, outros não, querem aproveitar todo o tempo que vão passar na cidade para explorá-la.

Existem vários tipos de promessas a serem “pagas” pelos devotos. Alguns prometem oferecer animais vivos como galinha, pintinho, pato, pombos, bode, carneiro. Outros prometem acender vários maços de velas, andar a procissão inteira descalços, usar uma roupa toda preta, ou toda branca, vestir a criança de anjo, doar toalha para o altar, doar arranjos de flores, rezar, carregar a imagem de Santa Luzia durante a procissão, etc.

Na medida em que os fiéis vão chegando, vão pagando as suas promessas, a barraca do leilão conforme (foto 12) é usada neste dia para leiloar apenas animais vivos, que servem como pagamento das promessas feitas por eles à Santa Luzia de Siracusa.

FOTO 12: Barraca de leilão de animais



Fonte: Acervo fotográfico da autora

Por não ter uma extensão maior e nem muitos atrativos turísticos, os visitantes procuram logo um lugar para se acomodar, seguem para a Igreja, ficam nas sombras das árvores, nas praças, no coreto, nas escolas municipais, na creche, nas calçadas, nas portas dos munícipes.

A Escola Estadual Sidrônio Augusto de Santa Maria conforme (foto 13) está localizada na Rua da Igreja. A referida escola serve de alojamento para os visitantes, nela também é preparado o almoço para ser vendido a todos os que queiram comprar. Os paroquianos fazem doação de alimento e os preparam para serem consumidos durante o almoço, onde todo o dinheiro arrecadado é revertido para a Igreja.

Como é possível analisar na (foto 13) os fiéis trazem consigo comida, lanche, água, refrigerante, cadeiras dobráveis, bancos, almofadas, toalha de banho e de rosto, lençol, etc. Tudo isso é utilizado para seu próprio conforto, pois a maioria dos visitantes passa o dia todo na cidade de Santa Luzia do Norte. Então eles futilizam os espaços disponibilizados seja na escola, na creche, no coreto, e descansam até o início da saída da procissão. Outros romeiros até utilizam objetos de casa como cadeiras e bancos, procuram uma sombra para poder se abrigar do sol, fazem novas amizades, bem como reencontram velhos conhecidos.

FOTO 13: Lugares que servem de abrigo para os visitantes



Fonte: Acervo fotográfico da autora

De acordo com a programação prevista no (anexo 5) a missa solene de Santa Luzia começa às 10h00min, e é presidida por um padre convidado pelo sacerdote local, sendo co-celebrada por este último. Nos últimos anos quem animou a Missa Solene foi o Coral Luz, coral da própria paróquia, formado por homens e mulheres. Neste dia são cantados hinos mais solenes. Tanto os padres convidados, como o pároco local, estão vestidos com roupa sacerdotal mais elegante.

Assim também acontece com o Coral Luz, com as autoridades locais, com alguns dos paroquianos e alguns visitantes. Boa parte desses usam roupas simples e camisas com estampas religiosas. E isso acontece com os paroquianos que fazem parte do apoio da festa, que torna mais fácil de identificar as pessoas locais e poder ajudar os visitantes naquilo que estão precisando. Durante a missa, a Igreja fica repleta de pessoas, fazendo-a bonita, alegre, participativa, acolhedora, para aqueles que se doam.

Terminada a Missa Solene, o sacerdote local dá a bênção aos visitantes, estes que chegam a todo o momento e vão enchendo a pequena cidade. As ruas são tomadas por ônibus, vans, carros de passeio, etc. As pessoas mais simples e humildes chegam mais cedo, geralmente sem transporte, aqueles que possuem seus veículos, seus carros de passeio chegam mais tarde.

FOTO 14: Cavalhada para festejar o dia de Santa Luzia de Siracusa



Fonte: Acervo fotográfico da autora

Conforme se observa na (foto 14 – a cima) no começo da tarde, um grupo de cavaleiros divididos pelas cores azuis e vermelhas realiza uma cavalhada para festejar o dia de Santa Luzia de Siracusa. Antes de começar, todos os cavaleiros vão até a porta da Igreja montados em seus respectivos cavalos pedir a proteção de Santa Luzia para que tudo ocorra bem durante a cavalhada. Terminada a cavalhada, no final da tarde, voltam todos aqueles cavaleiros para agradecer o final da mesma e o bom resultado obtido pelo grupo.

Na Igreja Matriz, os fiéis rezam, cantam e agradecem tudo aquilo que Santa Luzia “concedeu”. Uma turma de romeiros começa a cantar e animar quem estiver presente na Igreja, e assim fazem a acolhida dos demais fiéis que estão chegando, e isso ocorre em um sistema de revezamento. Enquanto isso, os responsáveis pela logística da festa armam uma tenda bem grande e um palco, contratam o som, e chamou os “cantores da Igreja”, e convidam um grupo musical de outra paróquia para animar os fiéis durante a tarde.

Foto 15 – Trio elétrico com grupo musical para animação dos fiéis



Fonte: Acervo fotográfico da autora

No horário da saída da procissão é disponibilizado um carro de som para haver uma interação entre Igreja e o povo nas orações, nos cantos, nas perguntas e respostas que são feitas e dadas nos “Viva Santa Luzia”, “Viva Nosso Senhor Jesus Cristo”. Quem acompanha também a procissão, são as duas bandas musicais existentes na cidade: Banda Independente e a Banda Professor Wanderley, que tocam durante o trajeto da procissão, em cima de um pequeno trio elétrico conforme apresentado na (foto 15), abrilhantando todo esse momento de festa.

Conforme mostra a (foto 16) quando a procissão sai da Igreja Matriz, às 16h00min horas, todo o povo segue a Santa Padroeira. Todos os anos a procissão segue o seguinte trajeto: saída da Igreja Matriz, indo para o Bairro do Quilombo, voltando para o Bairro do Centro, subindo a Rua Tiradentes, descendo a Rua São Vicente, indo para a Rua Benedito Mascarenhas, desce até o começo da pista, dobra a esquerda no Bairro da Matança, desce o Bairro do Caldeireiro e sobe pela Rua Estêvão Protomártir de Brito, retornando à Rua da Igreja.

FOTO 16: Momento da saída de Santa Luzia da Igreja



Fonte: Acervo fotográfico da autora

Após a procissão de acordo com a (foto 17), tem a missa com o arcebispo e a bênção do Santíssimo Sacramento. Logo em seguida todos podem retornar para os seus lares revigorados na Fé, cheios de esperança, felizes e convictos de que vale a pena acreditar em Deus e na intercessão da Virgem e Mártir Santa Luzia de Siracusa.

FOTO 17: Retorno dos fiéis a Igreja Matriz



Fonte: Acervo fotográfico da autora

4. RELATO DOS FIÉIS ENTREVISTADOS

4.1.1 Entrevista com Jorge Fidélis, técnico em enfermagem, 48 anos.

A primeira entrevista foi realizada com Jorge Fidélis residente na zona urbana do município. Perguntando qual a relação que o fiel tem com Santa Luzia ele respondeu:

Eu posso dizer que... Desde pequeno, né. Começou a caminhada na fé, na Igreja, vendo o exemplo da mãe e do pai, aí já conduziram nesse caminho, aí eu consegui ter essa vivência na Igreja despertando, e mesmo a festa né? Que fazia a gente vibrar sempre, e depois com o tempo, o conhecimento da história, da vida, da pessoa, aí eu fui me apaixonando de verdade, né? E agora quando eu vejo que tem como eu falar pra alguém que quer saber dela, já falo um pouquinho, eu já começo a passar para as pessoas, que elas entendam essa devoção. Por ela ser uma pessoa simples e estruturada na sua vida de fé, aí foi paixão a primeira vista, mas isso é que a gente tem na vivência, até pelo que a gente vê no dia a dia vários santos, mas essa menina teve muita coragem.

Conforme as graças alcançadas durante a vida do entrevistado, nos relatos, podemos perceber a fé e a devoção, por ser uma Santa que tem como tradição e história a cura da visão percebemos que os que creem acreditam em outras curas do corpo e da alma como é possível perceber quando perguntamos se já havia recebido alguma graça e quais tinham sido e ele respondeu:

Muitas. E por incrível que pareça, as pessoas até dizem assim: “se foi questão de visão?”. Não. Até pra mostrar, assim, que tá muito mais amplo, que às vezes as pessoas pensam muito nos olhos físicos, mas como ela conseguiu pra mãe, a mãe não sofria da visão. O problema da mãe era outro, era um sangramento interno, entendeu? Mas aí, aí posso vê isso, que também ela é protetora da visão física, espiritual, mas muita coisa sem ser visão as que eu consegui. Olha, a gente pode dizer que foram inúmeras, que a gente diz, mas tem coisas que marca a nossa vida. Eu sempre dizia que a caminhada da vida da gente, a gente perde o pai e tem as

dificuldades, e mãe também, aí sempre colocava pra que ela me orientasse que eu pudesse chegar a desenvolver na parte profissional, tá entendendo?

E com todas as dificuldades que eu tive, de momentos difíceis, aí pedia a intercessão, e pedia intercessão, e hoje vejo que tudo o que alcancei foi graças a essa ajuda, essa força na vida, foi pela ajuda dela. Ela é iluminadora, não, ela é iluminada, iluminador é Jesus, ela é iluminadora. E assim, então, eu posso dizer que tudo que eu consegui até agora foi por graças a ela. E a outra foi no trabalho. E essa aí foi visão mesmo. Eu trabalhei no IOFAL, que era justamente da visão, e teve um problema lá, que eu estava trabalhando, foi um pequeno acidente, não foi grave não, assim, respingou nos meus olhos, e o primeiro pensamento que veio foi por ela, o primeiro pensamento foi por ela, eu corri lá, lavei os olhos e fiz aquela oração, ainda me lembro: “sei que não vai ter nada”, porque a gente sabe que tem muita contaminação.

Tudo graças a Deus, e a ela, e eu não tive nada, nada, nada, nada. Isso pra mim é uma força maior, tá entendendo? Aí eu coloco, assim, minha vida, ela realmente tá orientando, me ajudando, me fortificando, tanto na vida profissional, quanto na fé também. E é isso. Vai chegar né? Chegar lá. Então tem esse amor expressivo e eu quero que todo o mundo conheça a história, mesmo que diga assim: “eu não sou devoto de Santa Luzia”. Mas eu vou amar pelo que ela teve que ela é né? Tem que ser divulgador. Não é pra ela mesma, mas até pra conhecer a Deus, ela deu a vida. É um degrauzinho pra você conhecer realmente o que é ser fiel, obediente, ter discernimento, e isso, ela é um pouquinho de tanta coisa que ela fez nesta terra, porque a gente está aqui, mas vai morrer. Quando isso acontecer vou dar um abraço nela lá em cima, vou dar um abraço nela lá em cima, aí vou ter bons papos com ela, de tudo o que ela fez por mim, de todos os pedidos que foram feitos e ela me escutou.

4.1.2 Pedro César da Silva, professor.

O segundo entrevistado foi Pedro César da Silva, professor, residente na zona urbana da cidade. E que também é um frequentador assíduo dos encontros religiosos existentes na igreja católica. Perguntando sobre seu relacionamento com Santa Luzia, como nasceu esse relacionamento? Ele respondeu:

Desde criança, e assim, por ser daqui, por ter sido batizado na Igreja, por frequentar, e ser catequista muitos anos, acredito, aí a paixão por ela é

desde criança mesmo. Não tem assim de que começou, mas é pela própria criação de casa fez com que eu sempre fosse apaixonado por ela.

Questionando sobre promessas e as graças alcançadas o entrevistado respondeu:

Já fiz uma promessa pra ela, já alcancei uma graça e praticamente eu "tô" alcançando outra. Porque meu filho César, já nasceu com 90% da visão do olho esquerdo comprometida. E era pra ter operado logo aos 3 (três) meses de idade e assim a gente se "aperriou" muito. Na época fomos pra vários médicos e dois queriam operar ele nesse período e a gente pediu à Santa Luzia que mostrasse, assim, um caminho, que nos desse uma luz, porque ele era muito bebê e a gente tinha medo de cirurgia; era de risco que ela me desse uma luz pra que ele não fosse operado, para que não passasse pela cirurgia naquele momento. E assim, graças a Deus, a cirurgia estava marcada e na semana que estava marcada eu encontrei uma pessoa amiga da mãe dele e quando a gente contou ela disse que a gente não fizesse a cirurgia sem falar antes com Dra. Maria José Ferro, de Palmeira dos Índios – AL.

E a gente foi pra lá, falar com a Dra. Maria José Ferro, e quando ela disse realmente que o caso dele não era cirúrgico, que tinha um tratamento para recuperar essa visão e ele faria a cirurgia pra lá com seus 14 ou 15 anos de idade, era quando o nervo ia tá maduro, adulto, maduro, e se fizesse naquela idade e antes desse período, poderia voltar tudo de novo, porque os nervos eram infantis. Assim não tinha idade correta para fazer a cirurgia e a gente mesmo assim ficamos na dúvida, aí fomos pra Recife – PE, que indicaram, aí quando a gente chegou lá que contou tudo e que disse que a última pessoa que a gente tinha ido era a Dra. Maria José Ferro, aí eles disseram: volte porque vocês estão nas mãos certas, correta, ela é a melhor especialista do Norte/Nordeste. Eu tenho isso porque foi Santa Luzia que botou essa luz no meu caminho. Aí a gente pediu muito porque ele recuperasse a visão. O tratamento não foi 100%, não por conta da Doutora, mas por conta nossa, pai/mãe. Como ele sofria muito, porque criancinha tinha que ir pra escola com tamponamento pra tudo; o constrangimento que era os coleguinhas que "mangava" tudo. Ele bebê, não. Até 2, 3 anos, aí sem problemas, 4 anos. Mas de 5 anos que começou já a entender, a gente não fez o tratamento que deveria, mas graças a Deus, de 90%, ele recuperou 75% da visão. E eu devo isso, assim, à Santa Luzia, que tenho certeza que ela botou a Dra. Maria José no nosso caminho. E o tratamento não foi eficaz, não por conta dela, mas por conta

da gente, pela graça divina. Aí, como eu sou devoto, todo o dia 13 de dezembro, eu uso uma camisa vermelha.

Em relação à família, foi perguntado se ele pede proteção pra sua família e suas colocações são sempre positivas em relação à Santa Luzia em sua fala demonstra essa satisfação e confiança:

Peço sempre, sempre. Tudo que, todas as minhas orações, sempre está em primeiro lugar Santa Luzia, depois São Pedro, porque é o patrono de minha rua, do meu bairro, e Nossa Senhora da Conceição. São esses três santos, que eu tenho devoção mesmo. E Santa Luzia e Nossa Senhora estão em primeiro lugar.

A fé cristã esta tão presente que percebemos que todos os acontecimentos existentes em suas vidas são atribuídos a uma graça alcançada, como no relato abaixo:

Não, foi essa. Eu pedi também, na época dos meus problemas de cálculo renal. E eu estava com uma pedra e se eu não expelisse essa pedra eu ia me submeter a uma cirurgia. Foi em 93 ou 94. Foi nesses anos, de 93 e 94. Eu me peguei muito com Santa Luzia para que eu conseguisse expelir essa pedra e eu de graças a Deus. A cirurgia estava marcada pra semana (seguinte) e na semana foi que eu consegui botar essa bendita. Aí eu também tenho que foi Santa Luzia que me concedeu a graça de ter “botado” e não ter ido “pra faca”, porque na época era na faca mesmo, porque era aquela cirurgia tradicional que abria, cortava o cara, tudo, de um lado ao outro, é perigoso, e graças a Deus eu não passei por ela.

Perguntando ao professor sobre seus sentimentos em relação à Santa Luzia ele respondeu que:

É que ela é minha santa de devoção mesmo. Toda a festa da padroeira procuro ajudar. Como no ano passado, eu dei uma das ornamentações da festa dela, fiz questão de dar pela minha devoção e todo o ano eu ajudo, ou sou noiteiro, ou sou padrinho... Mas eu sempre fico responsável por uma noite da festa dela, devido à devoção que eu tenho por ela.

4.1.3 José Ailton do Nascimento, 51 anos, técnico em enfermagem.

Questionado sobre a relação de devoção com Santa Luzia e quando começou essa relação religiosa ele respondeu:

É uma santa por excelência. Eu já começo dizendo o seguinte: que todo paroquiano deve ser devoto de sua padroeira. Até por uma questão de... de... De religiosidade nata, de religiosidade natural daquela localidade. E, tratando-se de Santa Luzia, é como uma honra, devoção à imagem como qualquer outra santa padroeira. Mas Luzia que vem e protege, luz, visão, olhos, atribuição. A minha história tá ligada desde os passos que eu dei na Igreja, né? Andando, batizado, crisma, primeira comunhão, trabalho e é uma história que com certeza não vai ser interrompida, até porque eu particularmente... Primeiro por ser de uma terra, por ser de terra, por ser uma terra ordeira, terra de gente calma, de gente trabalhadora, e também pela graça de Deus ser abençoado por Luzia.

Essa mulher, italiana, de Siracusa, da Itália, que nós tivemos a graça de tê-la como padroeira, né? Na história em que... Quando um cego por aqui esteve, né? Um habitante que esteve por aqui. Conta-se a história que: às margens da lagoa residia um senhor, e este senhor estava cego, né? E a devoção dele, acho que foi assim, a maior devoção que eu já vi, e outras que a gente vê no decorrer dos anos, na, no 13 de dezembro, data em que comemoramos a sua festa. Comemoramos não, celebramos.

A gente não comemora. Na Igreja a gente não comemora, celebra. Então, no momento em que celebramos a sua festa, a gente vê os favores, não, a devoção atribuída a Santa Luzia, e os retornos, quando aquele povo vem chorando, agradecendo, pagando promessa de... Da forma mais visível possível, né? Tudo isso graças a um senhor que por aqui esteve há muitos anos atrás e que deixou essa devoção, tanto essa devoção para conosco, né? Tanto é que a imagem primitiva existe, a imagem de Santa Luzia de Siracusa, que veio de Siracusa, que veio abençoar o povo dessas terras, guiar o povo dessas terras, e daí nasceu e criou-se a devoção a Santa Luzia, que não é uma devoção local. A devoção à Santa Luzia não está somente atribuída, não só a região, ela ultrapassa fronteiras, né? Não só a Santa Luzia do Norte. A Santa Luzia do Norte é pela beleza da imagem, agora a gente não deve ter a devoção pela beleza da imagem, isso sim influencia, mas a gente deve ter a devoção pela pessoa de Luzia, né? Não importa se a imagem é de madeira, gesso, cimento, fibra, não importa. O que importa é que a gente deve ter a devoção à pessoa, se reportando a

vida que ela viveu sua vida de martírio, vida de sofrimento, vida de angústia, de poucas alegrias e muitos sofrimentos, por isso que nós temos a graça de venerarmos como patrona da visão.

Em relação as graças alcançadas o devoto respondeu que:

Só o fato da gente tá trabalhando por ela todos os dias já é uma graça muito grande. Especialmente assim, Eu estava doente e pedia a Santa Luzia, não... Não. Porque, não vejo assim, apesar de ter devoção muito grande, não vejo assim, apesar de ter essa devoção muito grande, mas eu acho que ainda não foi preciso, né? Oh Santa Luzia, eu "tô" precisando disso, me ajuda, me socorre, não foi preciso ainda, e os ouvidos dela ainda não se cansou neste ponto, ainda não. Espero que não nesse ponto assim. Mas se eu precisar, a atribulação existe, milagres grandes não, né? A mim, não. Especificamente não, né? Mas isso não quer dizer que a devoção não seja grande, à imagem, à vida, à pessoa, nos faz reportar, né? No... no... No estilo de vida dela. No estilo de vida. Da simplicidade, da pureza, da obediência.

Eu só quero que ela me conceda esse milagre de ser obediente a minha Igreja, que eu seja obediente àquilo que eu escolhi viver e o que eu escolhi seguir, o evangelho de Jesus Cristo, como ela seguiu. Pra mim, já tá de bom tamanho esse milagre. Porque a vida é difícil, o mundo é difícil se a gente não tiver se assegurando a Santa Luzia, tantas santas de devoção.

Percebe-se que no relato há uma devoção por duas santas como podemos observamos abaixo:

Eu gosto muito de Santa Luzia e Nossa Senhora das Dores. Pra mim são as duas mulheres da minha vida. Luzia e Das Dores, né? Mas eu atribuo à questão de milagre, milagre eu não vou dizer, nunca, nunca foi preciso recorrer a esse tipo, né? As coisas pequenas a gente resolve, e as grandes ela resolve. Mas se for preciso, eu sei que ela não vai me deixar na mão. Porque você confia, ou não confia. Ou confia, ou não confia. Milagres, eles são pagos. Eu, eu não gosto muito desse negócio de... Santa Luzia, se a Senhora me fizer isso eu dou isso, se a Senhora me conceder uma graça de ficar bom da vista, eu lhe pago, eu dou galinha.

Não concordo com isso. Eu acho que a gente não deve o milagre pra mim não é assim, você receber e pagar. O milagre, pra mim, acontece na medida em que você pede a intercessão e deixa acontecer, né? Esse

negócio de dar um maço de velas, dar uma galinha, dou isso, dou aquilo, eu... É popular, é religiosidade. Mas a devoção, pra mim, é você estar ligado à vida da santa, do mártir, do santo que você tenha como, como, como devocionário, como devoção, que seja devocionário, que você deve tá atribuído a... a isso. É viver a vida dele, é estudar a vida dele, é seguir o exemplo, é seguir o exemplo.

Ah, eu sou devoto de Santa Luzia. “Ah, quem foi Santa Luzia? Não sei”. “Ah, sou devoto de Santa Luzia”. E o que Santa Luzia representa pra você? “Não sei”. “Ah, sou devoto de Santa Luzia. Ah, mas quando eu quero milagre eu vou pra outra Igreja”. Pra mim isso não é devoção não. Não é devoção. E a gente vê muito. Particularmente eu acho muito bonito. Aí é quando eu digo: orgulho-me de ser dessa terra. É uma terra de muita religiosidade, é terra de um berço, é... Respira a religiosidade. É Luzia, é Paixão de Cristo, é Ato de Natal. Tudo respira religiosidade. E graças a Deus, tá acordando mais pra isso, tá acordando, porque quem tem Luzia como mestre, rainha e protetora, não precisa, na terra, nem de óculos, a gente usa por status.

Foram realizados vários questionamentos e entre elas foi perguntado se há pedidos de bênçãos pela família e ele respondeu que:

Com certeza. Se a gente diz que ama, não é amar, é fazer o amor acontecer. E, na verdade, não é dizer eu quero, quero, quero, não. Pra que eu queira, eu preciso que eu faça a minha parte. A gente não deve pedir a Santa Luzia que proteja, mas a gente pede sim. Mas antes de pedir, o que a gente faz? Agradece e entrega na sua mão. Eu costumo muito dizer assim... Nos grupos que a gente anda, eu digo assim. Uma vez uma senhora me questionou: “Oxe, você fala de uma maneira tão diferente com Deus”. Não falo diferente coisíssima nenhuma, não. A senhora que não está acostumada a falar dessa maneira. Porque, assim, o problema existiu, o problema tá acontecendo.

O Senhor que resolve. Não foi o Senhor que invento esse problema? O Senhor dá a vida a, a isso acontece. Um dia desses aí a gente vinha de uma viagem, a gente estava em peregrinação, em missão. A gente vinha... E no caminho, chovendo, chovendo, chovendo... E o carro, o para-brisa não obedecia, e aquela chuva... Assim, o menino que vinha dirigindo, ficou, assim, apavorado, e a esposa dele, uma... Uma mulher piedosíssima ficou lá... Eu não “tô” vendo nada, nada... Reduziu a velocidade, e eu disse: “porque você tá se preocupando”? Se tá chovendo, é porque Deus quer, e se a gente tá em missão é porque Deus quer.

A gente não tá em missão por querer. Se ele chama, a gente vai. Ele resolve o problema, né? A gente tá aqui por devoção que a gente tem a Ele, e por nossos intercessores, aí eu citei Santa Luzia, Nossa Senhora da Dores, cada um citou o seu, aí pronto. Quando menos esperou, clareou tudo. O vidro do carro tá limpinho. Aí ela chegou e disse: “também, da maneira como o Ailton fala com Deus”. Mas é assim, nas coisinhas pequenas. Mas se você... você..., se a gente analisar direitinho... Puxa, uma tempestade daquela, aí eu me reportava à tempestade de Pedro, tive medo. Porque a gente disse: não, eu quero que o Senhor acabe com isso, não, e aconteceu, e a gente tá aqui.

A gente tá sob a sua proteção. Aí a gente diz: olhe Santa Luzia, Nossa Senhora Dores, São Francisco, a senhora tá vendo, né? Então diga aí a Deus que resolve. São coisas pequenas, que ninguém pode estar sozinho, ninguém pode, não pode estar atribuído, atrelado a eles, porque agente... é... é... Sozinhos nós não somos nada, sem Deus, né? E a gente tem nossos santos, as nossas imagens, por um elo, né? Que nos liga, uma ponte que nos leva a Deus, né? Eles não sabem que sabe é Deus. Luzia, Das Dores, tantos outros existem, são pra gente símbolos da Fé, que concretiza a nossa chegada até Deus. Então, que a Santa Luzia seja para mim sempre modelo, o modelo assim, que eu seja realmente aquilo que eu gostaria, aquilo que eu gostaria que eu fosse, não aquilo que ela, como minha padroeira venha colocar no meu caminho. Porque, às vezes, de repente, acontece “uma coisa”, eita desisto disso aí porque não dá futuro não. De jeito nenhum. Luzia não salva, ela faz parte do plano de salvação. Luzia não cura, Luzia não, não resolve, ela faz parte de um colegiado e, ela leva a Deus. É advogada, Deus é o juiz, ela é advogada, advogada nossa.

Em relação à vida religiosa de Seu Francisco a relação com Santa Luzia, começou desde que ele foi morar em Santa Luzia devido às amizades passou a frequentar os mesmos espaços sociais inclusive a igreja.

4.1.4 Francisco Lima Filho, 63 anos, aposentado.

Rapaz, a minha vinda “praqui” foi porque eu trabalhava no correio, e eu vim “praqui” como funcionário do correio, e depois a gente começou uma amizade com o pessoal Prado, com a Deise, pronto. Aí depois, eu conversando com a Rejane (sua esposa) em casa, a gente veio morar aqui. Porque era em prol do meu trabalho, e gostamos muito daqui. Cidade boa de morar. Foi aqui onde meus filhos, graças a Deus, galgou os objetivos

deles, né? Não é nada de coisa, não... Mesmo, é porque eu gosto da cidade, das pessoas, respeitadoras, sabe? O ciclo de amizade que eu fiz, graças a Deus. Amo muito Santa Luzia, né?

Na relação direta com a Santa começou desde que uma graça aconteceu em sua vida, como relata abaixo:

Ah, com a Santa, a padroeira da cidade é que ela é protetora da visão. Também foi uma graça alcançada na minha vida. Porque eu estava com um problema na visão, fiz a cirurgia dos meus olhos e, graças a Deus, eu tô bem. Aquela Fé, né? Fé sabe... Que só papai do céu sabe a Fé que eu tenho, e mais ninguém. E foi por isso, né? Sou católico, sou daqueles que gostam mesmo de religião. Não perco uma missa. Se tiver meio impossibilitado de ir para a Igreja, mas não, se não tiver não perco não, sou católico mesmo, católico. A minha Fé move montanha.

Perguntando sobre desde quando iniciou a frequentar a igreja, ele respondeu:

Ah, desde criança, desde criança. Eu agradeço muito a meus pais pela educação religiosa que eles me deram, desde criança, desde criança. Quando eu não ia para a Igreja, eu tinha uma irmã que era muito católica, ficava me procurando e quando eu chegava em casa ela ficava perguntando por que não fui pra Igreja. Foi desde criança a minha vida religiosa. Desde criança.

Questionado sobre o problema de visão que tivera e como resolvera este problema

A minha visão estava, foi glaucoma, glaucoma. Aí já estava “coisando” era nos dois. Mas a cirurgia só foi feita em um e o outro, graças a Deus, foi colírio, como eu continuo até agora com colírio, né? Graças a Deus, a minha fé venceu. Pela primeira vez que eu fiz uma cirurgia, foi minha visão, foi à primeira vez. A cirurgia foi realizada faz 3 anos. Não ficou nenhum problema após a cirurgia, Tá tudo certinho. Como protetora da visão, eu entreguei na mão dela. Pela primeira vez que eu fiz uma cirurgia, fiz logo de minha visão, e peço a Deus pra não fazer mais nenhuma, não. Entrego na mão dela. É, é... Muito ruim entrar na sala cirúrgica, ali, médico dando força, por que... Graças a Deus, o médico é muito bom... Que deram

força... E a criatura (esposa) que também deu um empurrão, porque, meu Deus do céu, não é bom nem falar, mas graças a Deus, está tudo bem. Ótimo. Santa Luzia é protetora da visão. Milagre e mais milagre que a gente vê que ela faz. É milagrosa demais. É a santa mais milagrosa, é Santa Luzia.

É muito gratificante como nos relatos percebe-se a responsabilidade pela família e a devoção por Santa Luzia para abençoar e proteger todos.

“Oxe!” A família é... A minha família todo dia eu desejo, foi uma família que Jesus escolheu e me deu assim (e faz um gesto de entrega com as suas mãos). Essa criatura (se referindo a ele mesmo) vai ter sua esposa, vai ter filhos, seus netos... E me deu. É presente. Todo dia eu devo agradecer a Deus pela família que eu tenho, é pouco, você sabe né? A paz, a união, a minha família é tudo para mim. A minha família é tudo pra mim. É a maior riqueza que eu tenho na minha vida, né? Primeiramente eu peço a Deus pela minha saúde, pra Ele e a família, família. As outras coisas papai do céu vai mandando gradativamente. A minha família é a maior riqueza da minha vida.

4.1.5 Erivaldo Pinto dos Santos, 37 anos, caseiro.

Questionado sobre a relação existente com Santa Luzia, ele respondeu:

Quando foi que começou, né? É assim... Eu fui batizado na Igreja Católica, não era aquele católico, assim... Praticante, não. Eu vim praticar mesmo, entrar na Igreja, em 2008. É quando realmente eu fui crescendo, daí eu segui a... A Igreja Católica, mas não tinha aquele, aquele conhecimento de Santa Luzia. Aquela história que ela foi... A vida de Fé que ela levou quando jovem. Mas não tinha aquela devoção por Santa Luzia, não. Eu vim ser devoto de Santa Luzia depois que eu levei uma pancada no olho, no trabalho. Esse olho me incomodava muito.

Como se diz: corica – aquela água, a noite realmente doía. Eu não gosto muito, assim... de médico, eita meu Deus, eu vou ter agora, não gosto de médico, mas vou ter que ir pra não prejudicar esse olho... Porque realmente estava com uma visão um pouco ruim. Realmente quando eu andava, assim... Eu sentia, a água escorria direto e incomodava muito. Pra tudo. Aí um dia, eu li um livrinho de Oração de Santa Luzia, aí eu me dediquei durante a noite à reza do terço.

Fiz aquela novena durante nove, nove noite, e eu sempre pedia a intercessão a Deus, a intercessão Dela, que intercedesse a Deus por mim e eu não precisasse ir ao médico, e que eu ficasse bom daquele olho, e realmente foi realizado. Alcancei a graça, de não ir ao medico, e até hoje não fui. Já tá com três, três anos. Graças a Deus eu não precisei ir ao médico. Olha realmente ficou bom até hoje. Eu enxergo normalmente, graças a Deus, aí eu sou realmente muito devoto de Santa Luzia. O que eu posso fazer por ela, pela Igreja dela, que eu confio, eu realmente faço. Então é uma... Como é que se diz uma profissão de Fé, como ele professou a Fé, todo aquele que crer primeiramente em Deus, e na intercessão dela, que ela intercedesse por nós. A gente alcança a graça. Foi aí que graças a Deus eu estou aqui, curado.

Vários fiéis participam de atividades da igreja e no tempo de festa, e questionado sobre esse assunto, ele respondeu:

É... eu me envolvo assim... Sou aquele católico que vai praticar a missa, missa realmente assim, aos domingos, eu não perco a missa não, não. Quando eu não era antes por assim dizer, eu ia de ano em ano. Às vezes, à festa dela mesmo. É eu não tinha aquela devoção. Mas hoje, realmente estou aqui, católico praticante. Que faço parte da Igreja, do grupo do apostolado (um grupo que existe na Igreja), hoje, já há um mês, fui pro grupo dos Vicentinos (outro grupo da Igreja), buscando cada vez mais conhecimento da Igreja Católica, né? E assim vou me envolvendo na festa dela. Durante os tempos da festa de Santa Luzia eu me envolvo, eu ajudo, eu contribuo né? Pode ser até agora quando foi à festa, "tamo" agora em 2014, que vai ser realizado o Novenário de Santa Luzia.

Aí eu até fiz uma sugestão ao padre, que ele botasse, era bom que o "Sr." aumentasse as noites do novenário da padroeira, já que as pessoas, nós somos muito devotos de Santa Luzia. Porque dez noites são muito "pouca", né? Realmente, quando a festa se acaba, fica com aquela saudade. Quanto mais durasse, mais tempo melhor. Aí até, eu dei essa sugestão, e ele, é... é... "vamos ver", mas eu não cheguei a dizer a ele nenhuma graça que eu tinha alcançado "por" Santa Luzia, fiz somente sugerir essa, essa sugestão... e... Até que esse ano parece que vai ser realizado as treze noites.

Olha, eu me envolvo como se diz... Ajudando na... Na festa, ajudando financeiramente, no que eu posso, e ajudando assim... Na, na parte de limpeza da Igreja que envolve muito trabalho durante a festa,

envolve é muita, muita gente. E eu me envolvo assim, na contribuição de... De. Do que eu posso.

De chamar aquelas pessoas pra ajudar, e o envolvimento assim... De ajudar na limpeza da parte externa da Igreja, né? É, lá na Igreja, pra que todos que cheguem “veja” a Igreja cada vez mais bonita, ornamentada, no que eu posso fazer. Não há preço que venha, venha pagar pela graça que ela faz. Posso, se eu pudesse fazer algo mais por ela, realmente fazer algo mais por ela... Aí eu faria mais que eu pudesse por ela.

Em relação à sua família, você pede a intercessão dela pra sua família?

Peço, peço intercessão porque, como se diz... Uma parte dos meus irmãos são católicos, mas não são aqueles católicos praticantes. Realmente, somente a... A minha mãe, até hoje, mas parte de minha família, somos oito irmãos, mas não são aqueles irmãos que vai. Foram batizados na Igreja, mas vai de ano em ano, né? Aí eu tenho que pedir a ela que volte seu olhar pra eles, não é? Pra que eles voltem pra Igreja, seja um católico realmente, que pratique o Evangelho que Deus mandou o batismo, realmente é assim que eu peço a ela, e vamos vê o que ela realmente, a Fé que eu tenho nela vai ser realizado. Não é só pedir pela gente. Temos que saber o que a gente quer da nossa vida, né? Porque a história dela é uma história muito bonita no cristianismo, é... Foi perseguida, mas ela perseverou até o fim. Deu a própria vida, deu o seu próprio sangue, pelo amor a Cristo, né? E hoje são milhões e milhões de pessoas devotos de Santa Luzia, né?

A... A tradição dela vem da Itália, né? Da Itália, da terra de Siracusa, né? E veio a sua imagem, hoje no Estado de Alagoas, como a gente conhece a história que ela... Que ela é a maior festa, ou é a primeira do Estado que realmente atrai. Porque eu tenho andado por outras festas, mas vejo que é uma devoção realmente. A cada ano que passa, aumenta, e assim... Em termo de sua imagem, de sua beleza, como ela é jovem eu... Eu... Eu posso testemunhar que a gente tem diversas imagens, na nossa... Na nossa Igreja, muito bonita, mas eu acho que foi... Se for fazer uma pergunta, ela ganha em primeiro lugar. Uma das melhores, como se diz... Linda imagem, tão bem feita que é a imagem de Santa Luzia.

As entrevistas que seguem abaixo foram realizadas no dia 13 de dezembro de 2009, utilizando-se um MP4 para a gravação, mas a maioria das entrevistadas não queriam que colocassem o seu verdadeiro nome e até mesmo suas vozes.

4.1.6 Benedita

Dona Benedita, tem mais de 70 anos de idade, é viúva e mora no Município de União dos Palmares/AL. Sua devoção por Santa Luzia vem desde a juventude, sendo influenciada por sua amada mãe. Conta que houve uma grande cheia há muitos anos atrás na cidade de União dos Palmares, tendo afetado muitas casas, inclusive a residência de Dona Benedita. O fato interessante é que a água derrubou quase por completo sua casa, menos uma parede na qual se encontrava a imagem de Santa Luzia. Com isso, referido Senhora passou a acreditar ainda mais no poder desta Santa.

No que se refere à festa da padroeira no Município de Santa Luzia do Norte, Dona Benedita diz que participa da mesma há mais de 15 anos, gosta de seguir a procissão e acha a festa muito bonita porque tem muita gente.

Esta entrevista foi realizada dentro da Escola Estadual Sidrônio Augusto de Santa Maria, aonde os devotos chegam ao período da manhã e da tarde, se acomodam para descansar, lanchar, almoçar e até dormir. Quando a procissão começa, por volta das 16h00min, a maioria dos devotos segue o cortejo pelas ruas da cidade.

4.1.7 Lourdes

Dona Lourdes, tem mais de 45 anos de idade, reside na cidade de Maceió/AL. Foi pela primeira vez a cidade Santa Luzia do Norte, para a festa da padroeira em 13 de dezembro de 2009 a convite de familiares e amigos.

Em sua breve entrevista diz não ser devota de Santa Luzia, que pouco participa das atividades religiosas. Na verdade quem é devoto de Santa Luzia é seu amigo, mas ele não estava no momento da entrevista, porque tinha ido até a igreja.

Na realidade, Dona Lourdes foi para a festa porque não tinha nada de interessante para fazer naquele fim de semana. Esta entrevista foi realizada na Escola Estadual Sidrônio Augusto de Santa Maria, por volta das 11h30min.

4.1.8 Rafaela

A jovem Rafaela tem mais ou menos 20 anos de idade, é estudante, solteira, mora com seus pais em Maceió/AL. Rafaela estava segurando uma criança de colo com mais de nove meses de idade, vestido de anjo. Perguntei se ela tinha feito alguma promessa, respondeu que sim, mas quem fez a promessa foi sua mãe. A jovem relata que quando descobriu que estava grávida sua mãe tratou logo de fazer uma promessa para sua neta, pedindo a intercessão de Santa Luzia para que sua neta nascesse com saúde.

Durante toda a gravidez Rafaela não apresentou nenhum tipo de problema de saúde e o nascimento de sua filha foi perfeito. A criança veio ao mundo com muita saúde graças à promessa da avó, diz a jovem.

Rafaela não tem devoção a Santa Luzia, mas ficou muito feliz pela gestação normal e sem complicações. Pude perceber no falar, ao se emocionar, no tocar, no olhar para Santa Luzia que havia criado um laço mais íntimo entre elas.

Esta entrevista foi realizada dentro da nave da Igreja Matriz de Santa Luzia de Siracusa, por voltadas 17h00min.

4.1.9 Amélia

Dona Amélia, aposentada, tem mais de 65 anos de idade, reside em Maceió/AL. Participa da festa de Santa Luzia a mais de vinte anos, em decorrência disso fez algumas amizades na cidade que sempre a convidam para passar o período festivo em Santa Luzia do Norte.

Já fez várias promessas para diversos santos e conta ser atendida na maioria de seus pedidos. Esses pedidos não se resumem só para ela mesma, mas se estende aos seus familiares e amigos. Foi curada de várias enfermidades como da visão, das pernas, da coluna, do útero.

Tem devoção por Santa Luzia, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Fátima, entre outros. Esta entrevista foi realizada no Coreto de Santa Luzia do Norte, onde havia um grupo de romeiros vindos de Fernão Velho, Maceió/AL.

4.1.10 Thais

Thais é uma jovem de no máximo 20 anos de idade, solteira, estudante, mora no Bairro de Chã da Jaqueira, Maceió/AL.

Sua filha Patrícia nasceu com um problema muito sério nos olhos, tanto que os médicos chegaram a falar que em pouco tempo provavelmente sua querida filha perderia totalmente a visão.

A mãe de Thais, vendo a aflição de sua filha e neta fez uma promessa a Santa Luzia pedindo sua intercessão em favor da pequena Patrícia. Suas preces foram ouvidas a criança foi curada e a forma de pagamento foi vesti-la com roupa de anjo e sair na procissão durante dez anos. Patrícia já pagou cinco anos de promessa faltando apenas outros cinco anos.

Perguntei se a criança gostava de sair de anjo e percorrer toda a cidade acompanhando a procissão, Thais falou que não, porque estava vestida com roupa diferente, andava muito durante a procissão e tinha medo dos fogos. Mas apesar desses desconfortos, a criança cumpria sua obrigação.

Thais falou que não tinha devoção a Santa Luzia e nem possuía nenhuma imagem de referida santa. Percebi certo distanciamento entre Thais e Santa Luzia durante toda a entrevista.

Esta entrevista foi realizada na porta de casa de um morador em Santa Luzia, por volta das 13h00min.

4.1.11 Beatriz

Dona Beatriz, tem mais de 40 anos de idade, é casada, do lar e reside em Maceió/AL.

Relatou que nunca tinha participado da festa de Santa Luzia, este era seu primeiro ano, mas havia gostado muito das festividades apesar de não ser devota de Santa Luzia. Na realidade quem era devoto era seu esposo, Roberto, com quem ela havia se casado há pouco tempo, foi ele quem a convidou, já que é um católico fervoroso.

No momento da entrevista o Senhor Roberto estava conversando com um grupo de amigos da igreja.

Esta entrevista foi realizada na nave da Igreja Matriz de Santa Luzia de Siracusa, em torno das 18h00min.

4.1.12 Lucia

Dona Lucia tem mais de 55 anos de idade, é advogada, casada, reside em Maceió/AL. Já morou em Santa Luzia do Norte quando pequena, foi neste momento que conheceu, aprendeu a gostar, admirar, respeitar e ser devota de Santa Luzia, tendo como mestra sua querida mãe.

Relatou ter alcançado alguma graça por intercessão de Santa Luzia e todos os anos vai para a festa da padroeira para agradecer e reanimar a fé por meio desta Santa tão querida para Lucia.

CONCLUSÃO

O tema escolhido referente à Festa da Padroeira de Santa Luzia do Norte/AL foi uma das minhas inquietações desde meus 12 anos de idade, pois observava desde então a devoção que atraía tantas pessoas a esta cidade, portanto, queria entender a relação entre devoto e a santa. Observava o quanto às pessoas eram agradecidas pelas graças alcançadas, do pedir e esperar a resposta por meio da fé.

É possível na festa religiosa desta cidade e com base em alguns teóricos citados no decorrer do texto bibliográfico as várias formas de pagamento de promessas: através de vestimentas brancas, pretas de anjos, doações para a igreja e para pessoas carentes e até mesmo animais vivos.

Diante das pesquisas realizadas sobre a cidade que é histórica, percebe-se um provável motivo para a cidade de Santa Luzia do Norte/AL ser tão visitada no período durante o novenário à Santa Luzia. Então, desde muitos anos a cidade era visitada por peregrinos para alimentar e renovar a sua fé.

Em outro momento do trabalho contamos sobre a história da Santa, que com pesquisas bibliográficas e entrevistas de campo foi revelado um pouco mais sobre a lenda criada pela própria igreja, com o objetivo de mostrar para os cristãos a fé que cada um deve ter. Na qual conta que Luzia sendo interrogada pelo seu torturador perguntou para ao mesmo, o que este jovem que queria contrair matrimônio com ela tinha visto de tão bonito nela, a resposta foi: seus olhos. E na mesma hora Luzia arrancou seus olhos com suas próprias mãos e os colocou no prato para que fossem entregue a tal jovem. No mesmo instante nasceram olhos mais bonitos dos que ela já possuía.

Outro aspecto que observado foi o crescimento de ambulantes, pois à medida que os anos se passam a festa profana fica mais acentuada tanto em relação às pessoas que vão para apenas curtir a parte externa da festa como: as barracas de comidas, o leilões, os parques e as bebidas como também àquelas que querem ter um lucro significativo no decorrer da festa, sejam eles da cidade ou não.

Portanto, se compararmos a cultura religiosa existente na festa de Santa Luzia de Siracusa, da Itália, com toda a sua história de entrega a Deus e seu

martírio, temos atualmente na festa no município de Santa Luzia do Norte/AL um lado profano mais forte.

Outro dado importante na pesquisa exploratória, através de uma conversa com um paroquiano da arquidiocese de Maceió, apenas a cidade de Santa Luzia do Norte/AL, tem como padroeira Santa Luzia. Foi criada há poucos anos uma comunidade em devoção à Santa Luzia, no município de Maceió/AL.

Então, a cidade de Santa Luzia do Norte é histórica e no Estado de Alagoas apenas esta cidade tem como padroeira Santa Luzia, por isso que sua festa é grandiosa. Sem levar em conta que Santa Luzia de Siracusa é muito querida no Brasil.

Por fim o trabalho nos traz como contribuição uma síntese sobre a cultura religiosa presente nas pessoas, independente de religião as pessoas creem em algo superior e que se baseiam nessas crenças para conduzir seus modos de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Luiz Alberto Souza. **Cultura religiosa: caminhos para a construção do conhecimento** – Curitiba: Editora Ibpx, 2009.
- CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. **Cultura e diversidade**. – Curitiba: Ibpx, 2008.
- BERGER, P. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: M. Fontes, 1996.
- FEITOSA, Lenon dos Passos. **Origem Histórica de Santa Luzia do Norte**. Produção independente. Maceió/AL / 2009
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço sagrado: estudos em geografia da religião**. – 2. Ed. rev. E atual. – Curitiba: Ibpx, 2012.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pósmodernidade. 9^o edição. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2004. 102 p.
- JORGE, J. S. **Cultura religiosa: o homem e o fenômeno religioso**. São Paulo: Loyola, 1998.
- LIMA, Antonio Romeiro de. **Santa Luzia do Norte: um pouco de sua história**. Maceió: Esmal, 2008.
- LIMA, Ivan Fernandes. **Geografia de Alagoas**. Editora do Brasil/AS, 1965.
- MARX, K; ENGELS, F. **Sobre a religião**. Lisboa: Edições 70, 1972.
- MENDONÇA, A. G. **A volta do sagrado selvagem: misticismo e êxtase no protestantismo do Brasil**. In: Edições Paulinas. Religiosidade popular e misticismo no Brasil. São Paulo, 1984.
- MIGLIORANZA, Frei Contardo. **Santa Luzia - Protetora da visão**. Editora: Ave-Maria / 6^a Edição 2011.
- OLIVEIRA, L. B. de [ET al.]. **Ensino Religioso: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SAHLINS, Marshall. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em vias de extinção. Parte I. Mana, v. 3, n. 1, p. 134-135, 1997.

PAIVA, J. M. de. **Religiosidade e cultura brasileira**: Brasil século XVI – uma introdução metodológica. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n. 9, maio/ago. 2003.

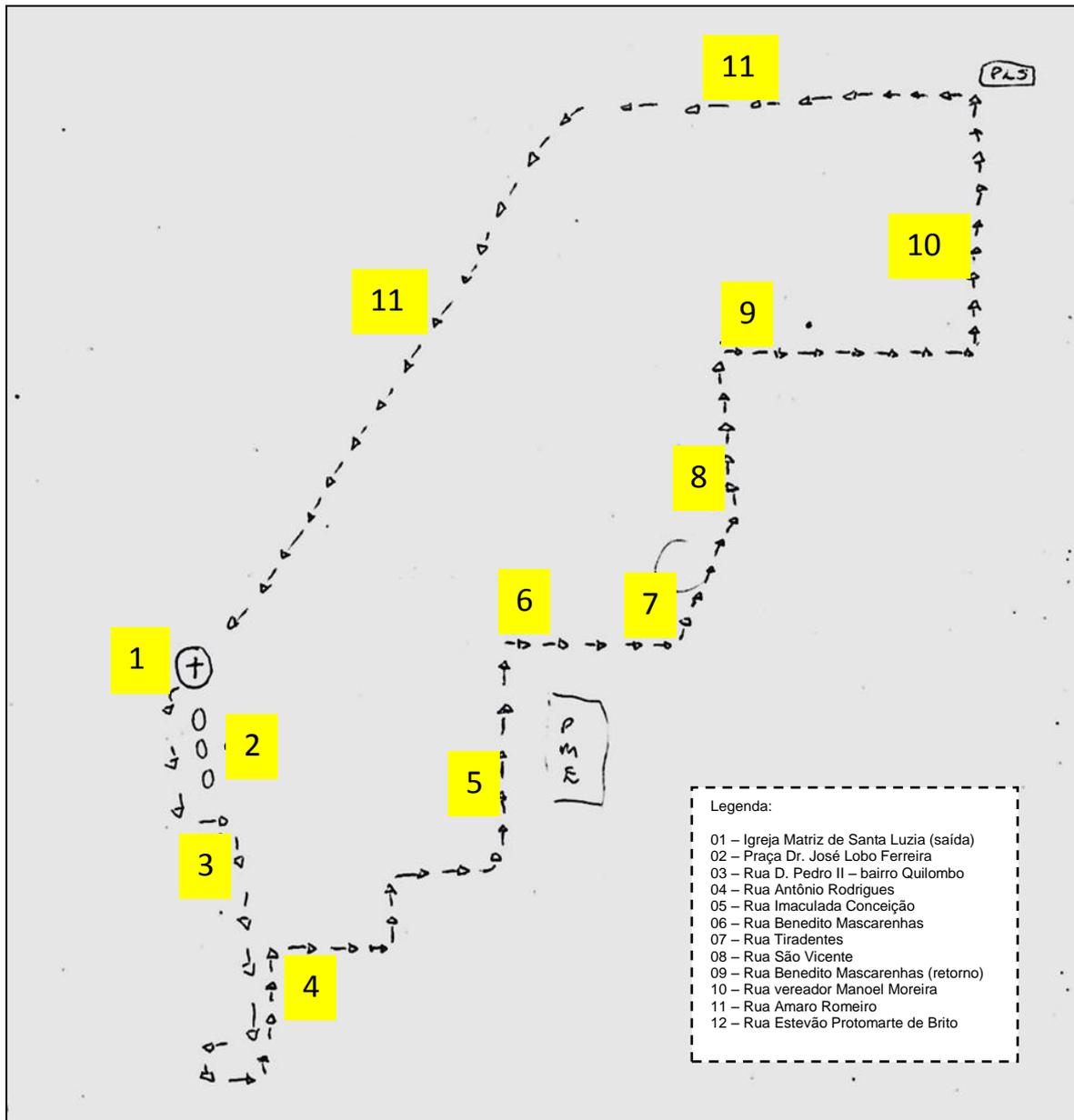
USARSKI, F. (Org.). **Constituintes da ciência da religião**: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2007.

ZUCON, Otavio. BRAGA, Geslline Giovana. **Introdução às culturas populares no Brasil** – Curitiba: InterSaberes, 2009.

ANEXOS

Neste (anexo 1) temos o percurso da procissão de Santa Luzia onde cada rua esta marcada por números indo-arábicos de 1 a 12 demonstrando a saída e a chegada da procissão. Na figura segue uma legenda onde consta o número com suas respectivas ruas.

ANEXO 1 – PERCURSO DA PROCISSÃO DE SANTA LUZIA



Fonte: Elaborada pelo autor

No anexo 2 segue uma programação da Paróquia de Santa Luzia do Norte referente à festa da Padroeira de Santa Luzia de Siracusa na década de 70. Conforme informações anteriormente na década de 70 o dia da procissão só poderia ser dia de domingo, caso o dia 13 de dezembro fosse em dia de semana (segunda a sábado) seguia o novenário e no próximo domingo seria a procissão. Na década de 80 de acordo com o pároco da época esta tradição foi alterada, a procissão teria que ser sempre como segue dias atuais no dia da Santa.

ANEXO 2 – PROGRAMAÇÃO DA FESTA

PARÓQUIA DE SANTA LUZIA DO NORTE

Festa da Padroeira - Santa Luzia de Siracusa
De 11 a 19 de dezembro

Dia 13 - às 17 hs. Entronização da Bíblia na Matriz
18 " Missa Comunitária - Comunhão geral dos alunos do curso noturno do Grupo Escolar

P R O G R A M A

Dia 15 - DIA DOS "BROTINHOS"

15,00 hs. Palestra pela jovem - Clara Núbia.
16,00 " Recreação com os "Brotinhos"
17,00 " Imposição da Bata dos "Corcinhas"
18,00 " Procissão da Bíblia - explicação do texto: "Eu vos dou um novo mandamento, amai-vos uns aos outros". Jo. 13-34,35, pelo jovem Ibrahim de Barros
19,00 " Missa Comunitária - Oferta uma vela acêsa

Dia 16 - DIA DOS "JÓVENS"

16,00 hs. Palestra pela jovem - Albertina Paula Ribeiro Costa
16,45 " Círculo de estudo
17,00 " Recreação com os jovens - Corrida de "Jegue" e de "Saco"
18,00 " Procissão da Bíblia - Explicação do texto: "Jóvens, sede fortes" Ep. de S. Jo. 5-12,14, pelo jovem - Reinaldo Athayde
19,00 " Missa comunitária - Oferta de uma "Bolsa de Estudo" para uma jovem pobre

Dia 17 - DIA DOS "CASALS"

17,00 hs. Palestra pela A.S. Margarida Maria Maia Procópio
18,00 " Procissão da Bíblia - Explicação do texto: "Matrimônio" Ep. aos Efesios 5-21,34, pelo Sr. Galdino Ernesto Guimaraes Moreira, do MFC.
19,00 " Missa comunitária - Oferta dos frutos da terra.

Dia 18 - DIA DOS "PESCADORES"

17,00 hs. Palestra pela Assistente Social - Lígia Frota de Almeida
18,00 " Procissão da Bíblia - explicação do texto: "Pesca Milagrosa", pelo jovem - José do Nascimento
19,00 " Missa Comunitária - Oferta do material de seu trabalho

DIA 19 - DOMINGO:

às 5,30 hs. (manhã) Missa para o pessoal da feira
9,00 " Missa solene em português - "AUTO SACRO"
11,00 " Batizados
16,00 " Procissão da Padroeira - com os padroeiros das capelas da cidade
19,00 " Bênção do Santíssimo - Encerramento

C O N V I T E

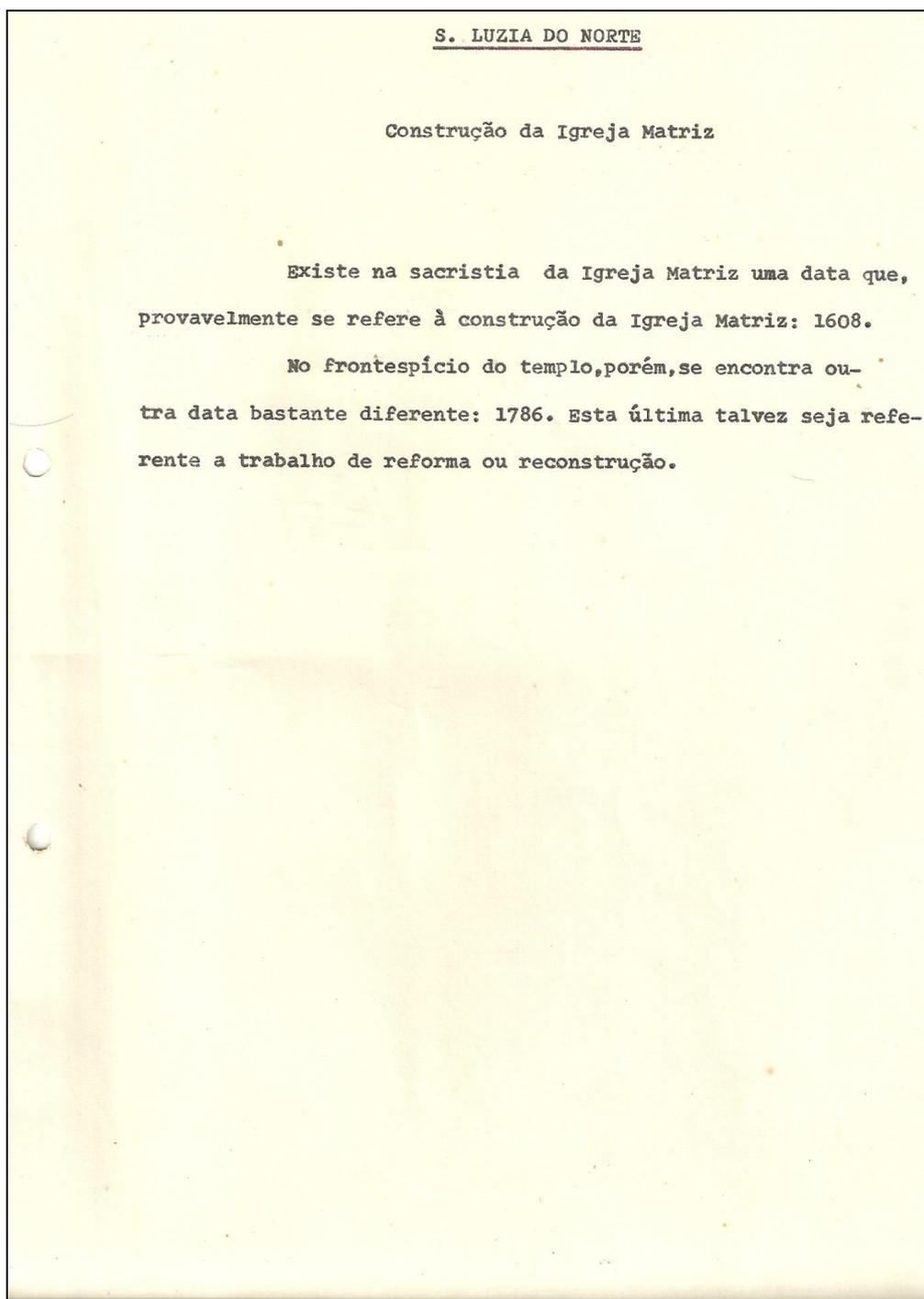
DURANTE ESTES DIAS, APÓS AS CERIMÓNIAS DA IGREJA, HAVERÁ GRANDES FESTEJOS NA PRAÇA DA MATRIZ - BARRACAS, PESCARIAS, LELIÃO, FOGUETES e muita animação. Todos estão convidados a participarem e dar sua valiosa colaboração.

A Comissão.

Fonte: Cúria Metropolitana de Maceió

No anexo 03 temos um documento sobre a construção da Igreja da Matriz que segundo um documento da Sacristia da Igreja o ano de sua construção, mas se opondo a esta afirmação na fachada da igreja chamada (Frontispício) consta a data de 1786, podendo ser data de reforma ou reconstrução.

ANEXO 3 – DOCUMENTO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IGREJA MATRIZ



Fonte: Cúria Metropolitana de Maceió

Neste anexo segue um comprovante de que foi procurado em arquivos sobre a o termo de criação da Paróquia de Santa Luzia de Siracusa no Município de Santa Luzia do Norte e de que consta conforme o livro do Foro Gracioso e lançamento das denominações de todas as paróquias da então Diocese de Olinda, pág. 11, nº 07, que a Paróquia foi criada no ano de 1654.

ANEXO 4 - CERTIDÃO NEGATIVA DA CRIAÇÃO DA PARÓQUIA SANTA LUZIA DE SIRACUSA



ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE
CÚRIA METROPOLITANA



CERTIDÃO NEGATIVA DA CRIAÇÃO DA PARÓQUIA
SANTA LUZIA DE SIRACUSA – SANTA LUZIA DO NORTE - AL

Certifico que, por terem sido perdidos os nossos primeiros livros de criação de Paróquia, não foi encontrado o termo de criação da **Paróquia Santa Luzia de Siracusa** no município de Santa Luzia do Norte – AL, e que, conforme livro do regulamento do Foro Gracioso e lançamento das denominações de todas as paróquias da então Diocese de Olinda, pág. 11 verso, nº 07, tal Paróquia *foi criada no ano de 1654*, sendo vigário daquela época Pe. Manoel Pereira Baracho.

A Paróquia acima referida FOI DESMEMBRADA da DIOCESE DE OLINDA em 02 de junho de 1900, quando foi criada a então Diocese de Alagoas, hoje Arquidiocese de Maceió, AL, passando, assim, a Paróquia Santa Luzia de Siracusa a pertencer a esta última Arquidiocese.

Dada e passada na Cúria Metropolitana de Olinda e Recife, aos 24 dias do mês de fevereiro de 2010.



Mons. José Albérico Bezerra de Almeida
Mons. José Albérico Bezerra de Almeida
Vigário Geral

Pe. Cícero Ferreira de Paula
Pe. Cícero Ferreira de Paula
Chanceler da Cúria




Registrado sob N.º 1.356 fls. 28vs.
do Livro de Títulos Documentos N.º C-05
REGISTRO Satubá, 08 de Março de 2010

Sandra Márcia Queiroz Taveres
Maria do Socorro Queiroz - Oficial
Sandra Márcia Queiroz Taveres - Substituta



CÚRIA METROPOLITANA
DE OLINDA E RECIFE
Registro no Livro de
Interdito n.º 150 n.º 03
Recife, *24/02/2010*

CÚRIA METROPOLITANA – Palácio dos Manguinhos – Avenida Rui Barbosa, 409 - Graças – CEP: 52011-040 - Recife – PE CNPJ nº 09.756.859/0001-08 – Telefone: (81) 3271-4270 / Fax: (81) 3222.6536

Fonte: Cúria Metropolitana de Maceió

No anexo 5 segue uma programação atual da Paróquia de Santa Luzia do Norte referente à festa da Padroeira de Santa Luzia de Siracusa.

ANEXO 5 – Programação atual da Festa da Padroeira de Santa Luzia

FESTA DE SANTA LUZIA DE SIRACUSA

Estimados(as) irmãos(as)

Em comunhão com toda a Igreja queremos refletir o sentido e o valor do presbítero na Igreja. O lema do ano sacerdotal - Fidelidade de Cristo, Fidelidade do Sacerdote quer de modo especial chamar a nossa atenção no serviço fiel de Cristo Sacerdote a sua Igreja. A nossa paróquia quer renovar a sua experiência de fé meditando o tema: Com Santa Luzia Seguindo Jesus Sacerdote. Temos a mesma consciência de Santa Luzia em testemunhar no mundo o amor de Cristo Sumo e Eterno Sacerdote. Você e a sua família são, convidados a participar desses dias de celebração e jubilo ao nosso Deus em honra a Santa Luzia de Siracusa.

"Com os olhos Fixos em Jesus"

Pe. Alex Sandro da Silva

Pároco

Programação da Festa

04/12 – Sexta-feira

ANIMADORES: APOSTOLADO E MEJ

FAMÍLIA NOITEIRA: ANDERSON E FAMÍLIA

PRESIDENTE: Pe. José Magalhães

05/12 – Sábado

ANIMADORES : HOMENS DO TERÇO

FAMÍLIA NOITEIRA: HÉLVIO SOARES E FAMÍLIA

PRESIDENTE: Pe. Cristovão Almeida

Fonte: Paróquia de Santa Luzia do Norte - 2009

06/12 – Domingo

ANIMADORES: RCC E JUVENTUDE

FAMÍLIA NOITEIRA: RITA ROMEIRO E FAMÍLIA

PRESIDENTE: Pe. Alex Sandro da Silva

07/12 – Segunda-feira

ANIMADORES: ROMEIROS E MOTORISTAS

FAMÍLIA NOITEIRA: GELSON-MOREIRA E FAMÍLIA

PRESIDENTE: Pe. Francisco Teixeira de Assunção

08/12 – Terça-feira

ANIMADORES: CATEQUESE

FAMÍLIA NOITEIRA: EDSON GONZAGA E FAMÍLIA

PRESIDENTE: Côn. João José de Santana Neto

09/12 – Quarta-feira

ANIMADORES: PODER PÚBLICO

FAMÍLIA NOITEIRA: DERALDO LIMA E FAMÍLIA

PRESIDENTE: Pe. Elison Santos Silva

10/12 – Quinta-feira

ANIMADORES: VICENTINOS, LEGIÃO DE MARIA E COMERCIANTES

FAMÍLIA NOITEIRA: PEDRO CÉSAR E FAMÍLIA

PRESIDENTE: Pe. Petrócio Ramires de Lima

11/12 – Sexta-feira

ANIMADORES: PESCADORES

FAMÍLIA NOITEIRA: JOSÉ BEZERRA E FAMÍLIA

PRESIDENTE: Côn. Severino Fernando de Souza Neto

12/12 – Sábado

ANIMADORES: PADRINHOS DA FESTA

FAMÍLIA NOITEIRA: NILSON CONTIERI E FAMÍLIA

PRESIDENTE: Côn. Claudinier José Medeiros da Silva

13/12 – Domingo

4h – Caminhada da Luz

5h – Missa da Luz - Presidente: Pe. Alex Sandro da Silva

6h – Alvorada Festiva

10h – Missa Solene

Presidente: Pe. José Augusto

11h30 – Bênção dos Romeiros

16h – Solene Procissão

Após a procissão missa com o Arcebispo Dom Antônio Muniz Fernandes

Fonte: Paróquia de Santa Luzia do Norte